



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

Transformações políticas e mídias sociais

Stephanie Silva de Oliveira

**Rio de Janeiro
2013**

Stephanie Silva de Oliveira

Transformações políticas e mídias sociais

Monografia apresentada como exigência para
obtenção do grau de Bacharelado em
Comunicação Social / Jornalismo da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Maria Helena Junqueira

**Rio de Janeiro
2013**

Aos meus pais, que tornaram possível esta jornada.

*Agradeço aos meus pais, pelo amor, compreensão,
conselhos, apoio e paciência em todos os momentos,
mesmo aqueles em que discordávamos.
Devo a vocês tudo que sou hoje e o que ainda serei.
À minha avó Alair (in memoriam), por seu amor, sua dedicação
e por acreditar em mim mais do que qualquer pessoa.
À minha madrinha Romilda, por incentivar meus hábitos de
leitura desde a infância.
Ao Rodrigo, pela paciência, sabedoria, companhia e carinho
quando mais precisei.
À Rafaela, por me fazer sorrir descontroladamente e me ajudar
a compreender o ser humano em sua essência.
Ao Cauê, por ser meu companheiro de aventuras e compreender
meu alter ego.
Ao Bernardo, por ter sempre um ombro amigo e uma palavra
motivadora a oferecer.
À Fátima, pelos ensinamentos, carinho e incentivo.
À Maria Helena, pela paciência e tentativas de me acalmar.
E a todos os meus amigos que estiveram ao meu lado nos
momentos felizes e tristes.*



Sendo assim, as revoluções não concernem a pequenas questões, mas nascem de pequenas questões e põem em jogo grandes questões.

Aristóteles

Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.

Dalai Lama

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a **Transformações políticas e mídias sociais**, elaborada por Stephanie Silva de Oliveira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 05/03/2013.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Junqueira
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Paulo Cesar Castro
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Profa. Dra. Ilana Strozenberg
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Stephanie S.

Transformações políticas e mídias sociais. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Maria Helena Junqueira

OLIVEIRA, Stephanie S. **Transformações políticas e mídias sociais**. Orientadora: Maria Helena Junqueira. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO.
Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O surgimento da internet e a constante evolução de suas tecnologias vem permitindo que informações e ideias circulem por todo planeta de forma ágil e simplificada. Tamanha facilidade comunicativa atrelada ao apelo participativo da chamada Web 2.0 e à liberdade de expressão fomentaram o surgimento de grupos segmentados por interesses diversos, entre eles o político. Através da convergência dos meios de comunicação, focando especificamente nas mídias sociais, cidadãos ao redor do mundo passaram a discutir possíveis soluções para os problemas do sistema democrático, efeitos negativos do capitalismo, entre outras questões, além de convocar reuniões e manifestações que ocorrem fora do mundo virtual. O presente trabalho tem por objetivo analisar o ressurgimento da consciência de mobilização social através das mídias digitais, o chamado ciberativismo. Como objeto de estudo será utilizado o movimento *Occupy Wall Street*, iniciado em Nova York e propagado por 2.300 cidades do mundo predominantemente através das mídias.

Palavras-chave: Mídias sociais, convergência, ciberativismo, Occupy Wall Street

ABSTRACT

The emergence of the Internet and the constant evolution of technologies is enabling information and ideas to circulate around the planet in a fast and simplified way. Such communicative facility linked with the participative appeal of the Web 2.0 and the freedom of expression fostered the emergence of groups targeted by diverse interests, including the political one. Through the convergence of media, with focus specifically on the social networks, citizens around the world began to discuss possible solutions to the democratic system problems, the negative effects of capitalism, among other issues, and convening meetings and events that occur outside the virtual world. This study aims to analyze the resurgence of conscious of social mobilization through digital media, called cyberactivism. As an object of study will be used the Occupy Wall Street movement started in New York city and propagated by 2,300 cities worldwide predominantly through the media.

Keywords: Social Networks, convergence, cyber activism, Occupy Wall Street

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Resultados da busca pelo termo “occupy” no Twitter.
página 28

FIGURA 2: Gráfico comparativo entre a popularidade do *Occupy Wall Street* e o *Tea Party*.
página 40

FIGURA 3: Página Diário de Classe.
página 51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O MESMO MODELO. UMA ABORDAGEM NOVA.....	15
2.1 A mobilização e o apelo participativo da internet.....	15
2.2 A efemeridade de um movimento “pop” – populista ou popular?.....	19
3 ENTENDENDO A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS	24
3.1 Convergência, participação e poder.....	24
3.2 Os novos megafones	26
3.2.1 O Twitter.....	26
3.2.2 O Facebook.....	29
3.2.3 Os Blogs.....	30
3.3 A transformação em ferramenta política.....	33
4 A ÉTICA DA CONVENIÊNCIA: ABORDAGEM DA MÍDIA ALTERNATIVA E DA IMPrensa OFICIAL	38
5 PENSANDO O FUTURO.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
8 ANEXOS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O mundo que conhecemos hoje foi moldado ao longo de séculos através de descobertas de novos territórios, intervenções políticas, culturais, religiosas e sobretudo através das revoluções. Durante séculos o homem travou batalhas em busca de poder, independência e liberdade. Todas as batalhas da história foram precedidas de um desejo de mudança, fosse por ampliar territórios, desfazer os laços da colonização ou lutar por igualdade. E é este o significado da palavra revolução, segundo o Aurélio, ato ou efeito de revolucionar ou de revolver; sublevação, rebelião, revolta, insurreição; mudança profunda ou completa, subversão. No entanto, para que houvesse evoluções foi preciso primeiro que houvesse conhecimento, para que dele surgissem questionamentos e insatisfações.

O conhecimento, muitas vezes atrelado ao poder, foi por séculos controlado pela Igreja e pela nobreza, tendo começado a ter um alcance maior com o advento da impressão mecânica e posteriormente da imprensa. Entretanto, a disseminação da informação sempre representou um problema para os governos. No século XVII, o Estado já se preocupava com a quantidade de informação que deveria tornar acessível ao povo. Dando-lhes pouca informação, poderia ficar à mercê dos rumores que a lacuna informativa provocaria. Dando-lhes muita, poderia incentivar a população a pronunciar-se a respeito de questões de responsabilidade do Estado. (BURKE, 2000,133).

No século XXI algumas destas questões ressurgem. A informação ainda funciona como arma nas mãos de quem sabe utilizá-la, mas o acesso a ela tornou-se muito mais fácil com a ajuda da tecnologia. Fruto do conhecimento adquirido ao longo dos séculos, a tecnologia deu origem a uma das maiores fontes de informação da atualidade, a internet. Em um só ambiente é possível reunir dados precisos sobre os mais diversos assuntos, notícias de todo o mundo, entretenimento e opinião. É justamente quando a informação converge para a opinião que o pensamento crítico entra em ação e os mais diversos questionamentos invadem as mentes humanas. E nesse sentido é que voltamos à relação entre o conhecimento e as revoluções.

Há algum tempo não se ouve falar em revoluções no Ocidente, uma vez que a democracia tornou-se o regime predominante nos sistemas políticos vigentes, cuja máxima é conceder ao povo o direito de escolha através do voto. Aparentemente conformados com suas escolhas eleitorais, o povo calou-se. Esta temporada de cidadãos satisfeitos ou acomodados diante da realidade se aproxima do fim. Segundo Durkheim (*apud* BURKE, 2000), as

categorias do pensamento humano são capazes de se fazer, refazer ou desfazer de acordo com o lugar e o tempo em que o indivíduo se encontra. A internet, em sua ampla capacidade de reunir e propagar informações, superando limites geográficos e temporais que a distância física costumava impor ao homem, mostrou aos cidadãos do mundo globalizado que as semelhanças entre eles já superam as diferenças, o que propicia fortemente a identificação entre eles. Suas necessidades políticas, sociais, e ideológicas estão cada vez mais semelhantes, não importando em que hemisfério do planeta vivem, as diferenças de cultura ou ideologia. Todos pretendem que o governo por eles eleito lhes assegure uma vida digna: educação de qualidade, sistemas de saúde eficazes, empregos, uma economia equilibrada, segurança e mais recentemente, a preservação do meio ambiente.

Voltemos alguns anos no tempo. O ano de 2010 foi o estopim para uma incomum onda revolucionária invadir o mundo. Tunísia e Egito foram palco da chamada Primavera Árabe, protestos em massa que resultaram na derrubada de três chefes de Estado. Os manifestantes estavam conquistando o que desejavam, e o mundo estava assistindo através da internet e dos noticiários. Ali, no continente vizinho, uma Europa imersa na crise econômica que não tirava a Grécia dos noticiários, desemprego na Espanha, aumento da dívida pública e uma reforma previdenciária indesejada na França. Na outra margem do oceano, os Estados Unidos tentavam se reerguer depois da grave crise da economia que assolou o país em 2008. Sistemas políticos e econômicos que pareciam não estar mais funcionando como planejado. O que fazer? Incentivados pelo sucesso dos protestos árabes, cidadãos comuns europeus e norte-americanos foram às ruas brigar por seus direitos. Mas não se trata de protestos como outros anteriores. Este é um momento histórico em que a tecnologia começa a se correlacionar com a revolução. Todos estes protestos na América do Norte, Europa e Oriente Médio foram idealizados e organizados de forma semelhante: através da internet e das redes sociais.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a versão norte-americana dos protestos, o chamado *Occupy Wall Street*, a fim de descobrir em que medida as redes sociais realmente influenciaram a organização física da manifestação, bem como sua posterior propagação por outras cidades até alcançar outros países. Isto é, até que ponto a internet pode ser considerada uma ferramenta política eficaz. As ideologias desse movimento também estarão presentes aqui, buscando-se compreender as expectativas destes manifestantes que, como veremos, são tão diferentes entre si.

Para atingir este objetivo, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico acerca do estudo das mídias, da compreensão do espaço midiático virtual e também da temática revolucionária. Os principais autores utilizados foram Henry Jenkins (2009), Gui Debord

(1992), Eugenio Bucci (2000) e David Harvey (2012). Os principais veículos de comunicação dos Estados Unidos e do Brasil foram analisados aqui, além de portais alternativos de notícias, blogs pessoais e perfis de diversas redes sociais.

Começaremos nossa análise buscando as principais razões que motivaram os cidadãos mundo afora a se unirem e se mobilizarem em prol de suas causas, desde o Oriente até o Ocidente, neste início do século XXI. O segundo capítulo trata sobre como a Primavera Árabe influenciou pessoas por todo o mundo até chegar ao Ocidente, fomentando ideias que se transformaram em movimentos de protesto que tomaram as ruas de grandes cidades mundiais, representantes da economia e do poder democrático. Para compreender o desenvolvimento e as ideologias que serviam de base para o *Occupy Wall Street*, foi necessária uma imersão no que Henry Jenkins (2009) chama de cultura da convergência, esta realidade em que vivemos sob o constante estímulo e influência da internet.

A popularidade repentina que o movimento alcançou através da mídia tradicional levou à espetacularização do mesmo, sobretudo através da presença massiva e constante de seus militantes nas redes sociais. Ao analisar a Sociedade do Espetáculo e seus desdobramentos, como a representatividade do proletário e a insuficiência teórica na defesa científica da revolução, as ideias de Guy Debord (1992) contribuem para compreender a efeméride midiática que acometeu o *Occupy*. Já os escritos de David Harvey (2012) fornecem informações valiosas acerca da ideologia, formação e tomada de decisões do movimento *anti-Wall Street*.

No terceiro capítulo entenderemos melhor como algumas das redes sociais mais utilizadas atualmente passaram a fazer parte do cotidiano do homem moderno. Através da análise do histórico de três das mídias mais populares no ciberativismo contemporâneo – o Twitter, o Facebook e os blogs – será demonstrada a participação e repercussão das atividades propostas pelos participantes. Uma entrevista com uma das idealizadoras do movimento, Alexa O'Brien, ajudou a traçar um panorama de como e porque os idealizadores do *Occupy Wall Street* decidiram usar a internet como chamariz e até que ponto estas mídias configuraram-se como ferramentas políticas no século XXI, quando a ideologia política, econômica e partidária parece estar presa aos séculos passados.

Entendida a importância e o alcance das ferramentas do mundo virtual, passamos então ao capítulo 4, à análise do impacto que os movimentos de ocupação geraram no mundo off-line. Dada a abrangência do movimento, a grande quantidade de pessoas envolvidas e as ocupações em si, a grande mídia não poderia deixar de registrar tais acontecimentos. Passaremos então à discussão da ética na cobertura jornalística das ocupações, comparando

veículos norte-americanos de comunicação entre si, no que se refere à parcialidade e riqueza de detalhes nos textos que foram a público. Para tal foi necessário compreender de que maneira a ética está inserida na imprensa através da obra de Eugenio Bucci (2000) e sob a orientação do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. A cobertura brasileira dos fatos também foi analisada, a fim de descobrir como as informações estrangeiras chegam à nossa mídia, o quanto estão atualizadas e que veículos ultrapassam a barreira do factual, sem ferir a ética jornalística, analisando criticamente estes acontecimentos.

Por fim, o capítulo 5 vai mostrar outras formas de ciberativismo bem sucedidas nos últimos anos, praticadas no Brasil e no mundo, por pessoas de todas as idades em defesa de variadas temáticas, com abordagens diferenciadas e não relacionadas ao *Occupy Wall Street*. A efemeridade e o futuro destas ações convertem-se em questionamentos sobre um futuro próximo, cada vez mais tecnológico e participativo, e sobre as mudanças que a expansão ilimitada de informações e conhecimento poderão acarretar na consciência política mundial.

2 O MESMO MODELO. UMA ABORDAGEM NOVA.

“Existiam homens no Velho Mundo que sonhavam com a liberdade pública, existiam homens no Novo Mundo que provaram a felicidade pública – são estes, em última análise, os fatos que determinaram que o movimento de restauração, de recuperação dos antigos direitos e liberdades, evoluiu para uma revolução dos dois lados do Atlântico.”

Hannah Arendt

Ao longo da história, a insatisfação aliada ao pensamento crítico motivou cidadãos de diferentes épocas a se unirem em nome de causas, repensarem a realidade em que viviam, e buscarem formas de ação capazes de proporcionar mudanças sócio-políticas e econômicas. Liberdade, Igualdade e Fraternidade deixaram de ser apenas elementos da considerada “mãe das revoluções”, a Revolução Francesa de 1789. Estes ideais ainda vivem entre os homens contemporâneos, que depois de anos praticamente adormecidos ideologicamente, estão trazendo-os de volta à cena mundial através da tecnologia que permite reunir ideias, culturas, indivíduos e conhecimentos em um mesmo ambiente, a Internet.

Uma nova crise do capitalismo vem apresentando seus desdobramentos ao redor do planeta desde 2008 e junto com ela, grupos de cidadãos das mais diversas etnias, culturas e nacionalidades começaram a ocupar os centros econômicos e administrativos mundo afora, mostrando indignação e exigindo soluções diante das consequências desta crise e dos resultados que o sistema (democrático capitalista) como um todo vem fomentando. Tratam-se de movimentos de caráter ético-político que confluem para uma moralidade anticapitalista que não necessariamente deseja destruir o capitalismo nem está associada a partidos políticos. Estamos falando aqui de movimentos como o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos; *Occupy London*, na Inglaterra e 15-M, na Espanha. Inspiradas nas recentes mobilizações que derrubaram quatro ditadores no Oriente Médio e norte da África a partir de 2010, a chamada Primavera Árabe, estas manifestações têm utilizado um meio incomum, até pouco tempo atrás, para alcançar adeptos: as redes sociais.

2.1- A mobilização e o apelo participativo da internet

Nunca na história da humanidade houve tanta produção e consumo de informações com acontece agora no Ocidente e começa a acontecer também no Oriente. A Internet tornou-se uma poderosa arma ao facilitar este fluxo de ideias e culturas, fazendo com que, o

pensamento crítico ganhasse espaço e um novo ânimo na realidade de muitos cidadãos, que através do amplo acervo de informações mundiais, de cunho político, econômico, social, e cultural, podem traçar um comparativo entre as diversas realidades. Tal possibilidade de debate permitiu que cidadãos de cidades e continentes de norte a sul percebessem que passam por problemas semelhantes, quando não iguais, uma vez que o sistema democrático capitalista atua sob uma mesma lógica nas nações ocidentais, motivando-os a abraçar uma mesma causa ou criar seus próprios movimentos adaptados à realidade local.

Diante de uma sociedade conectada 24 horas por dias com quase total poder de expressão, torna-se importante observar em que medida as mídias, especialmente as digitais, podem e estão alimentando manifestações que transpõe os limites da tela dos computadores, *tablets* e *smartphones* para realizar mobilizações no mundo real.

O movimento estendeu-se de forma epidêmica, no sentido grego original da palavra, que indica não só uma doença, mas algo que ocorre com muita gente do povo, como a conversão religiosa dionisíaca, por exemplo. Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores. (CARNEIRO in VALVERDE & DORIA, 2012: 9)

Com tamanha demanda por informações, as grandes empresas de comunicação estão entre as entidades mais poderosas da contemporaneidade. Tão poderosas quanto as grandes corporações financeiras, a mídia tem o poder de influenciar cidadãos a partir da exposição de temáticas diversas, porém, nem sempre respeitando o princípio da imparcialidade. Por outro lado, as redes sociais tem mostrado seu equivalente poder, ao permitir que os mesmos cidadãos informados por uma mídia tendenciosa, discutam, discordem e questionem as informações e notícias. Mais do que isso, as redes sociais estão se tornando um ambiente de fomento revolucionário, onde blogs, comunidades, páginas e perfis funcionam como protestos virtuais - que cada vez mais chegam às ruas - contra as mazelas do cotidiano, reunindo pessoas ao redor do mundo segundo suas preferências, ideologias e opiniões acerca da realidade.

Mas o que poderia ser encarado como mais um movimento passageiro, sem importância, acabou conquistando espaço na sociedade e na mídia. Os grandes jornais e portais de notícias reconhecidos mundialmente, como *The New York Times*, *The Guardian* e *El País* mantém uma cobertura atualizada das ocupações e alguns portais dos EUA exibem seções

exclusivamente dedicadas ao movimento *Occupy Wall Street*, como o *Salon*¹, por exemplo. Além disso, os próprios grupos ampliaram seu espaço na rede e conseqüentemente seu raio de influência, através da criação de blogs oficiais e páginas nas redes sociais, como no Facebook, Twitter e Youtube.

O movimento *Occupy Wall Street (OWS)* tem sido um dos mais populares e representativos entre os movimentos da atualidade, na rede e fora dela. Inspirado em revoltas populares que ocorreram no Egito e na Tunísia, um grupo de manifestantes ocupou a *Liberty Square*, no distrito financeiro de Manhattan no dia 17 de setembro de 2011. A tática centrada na praça de Tahrir, no Cairo, se espalhou por todo o mundo: *Plaza del Sol* em Madrid, Espanha; a Praça Syntagma, em Atenas, Grécia; os passos de *Saint Paul*, em Londres, Inglaterra, além da própria Wall Street, mostrando que o poder coletivo dos corpos no espaço público ainda é um instrumento bastante eficaz de oposição, principalmente se os outros meios estiverem inacessíveis. O movimento na praça de Tahir mostrou ao mundo o que para David Harvey, professor da Universidade da Cidade de Nova Iorque, era uma verdade óbvia: que a presença de corpos nas ruas e nas praças não é o mesmo que murmúrios de sentimentos no Twitter, Facebook ou qualquer rede social, sendo muito mais significativos e representativos. Eles realmente importam e impõem mudanças.

O protesto se espalhou por mais de 100 cidades norte-americanas, além de incentivar ações em outras 1500 cidades pelo mundo². Os indignados, como têm sido chamados pela imprensa os participantes da manifestação, clamam pelo fim do desemprego e da desigualdade social. Sob o slogan “Nós somos os 99%”, reclamam da insaciável sede lucrativa das corporações, especialmente as bancárias, da corrupção no governo e dos lobistas que atuam para defender interesses privados com o poder público, tornando-os 99% de uma população em que o 1% mais rico fica cada vez mais rico, enquanto os demais empobrecem.

Dizemos "Nós somos os 99 por cento." Nós somos a maioria e esta maioria pode, precisa e deve prevalecer. Uma vez que todos os outros canais de expressão estão fechados para nós pelo poder do dinheiro, não temos outra opção a não ser ocupar os parques, praças e ruas de nossas cidades, até que nossas opiniões sejam ouvidas e as nossas necessidades atendidas. (HARVEY, 2012:162)³

Todavia, não se trata de um movimento de desempregados, desabrigados, ou hippies. Trata-se de um movimento de cidadãos, onde cada um tem seus motivos para protestar, seja

¹ Disponível em: http://www.salon.com/topic/occupy_wall_street/ Acesso em: 13/11/2012

² Dados segundo o portal oficial do Occupy Wall Street: <http://occupywallst.org/about/> Acesso em: 13/11/2012

³ Tradução da autora. Trecho original: “We are the 99 percent. We have the majority and this majority can, must and shall prevail. Since all other options except to occupy the parks, squares ad streets of our cities until our opinions are heard and our needs attended to.”.

contra a destruição do planeta, o aquecimento global, a corrupção, o consumismo em geral ou os rumos que o processo democrático tomou a ponto de causar um colapso econômico como o atual.

David Kirkpatrick conta através da história do Facebook, uma das redes sociais mais populares atualmente, como foi possível reunir 10 milhões de colombianos na Colômbia e fora do país, além de outros 2 milhões de simpatizantes de outras nacionalidades, pela luta contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, grupo guerrilheiro conhecido como FARC. Mantendo em cativeiro Clara Rojas, Ingrid Betancourt, candidata à presidência da Colômbia na época, e outros 700 reféns, o grupo radical atuava intimidando os cidadãos colombianos sem ser impedido por nenhuma autoridade. Foi quando Oscar Morales, um engenheiro civil colombiano, em um momento de estafa diante de tamanha impotência das forças governamentais em conter a situação, criou um grupo na rede social denominado: *Um millon de Voces contra las FARC* (Um milhão de vozes contra as FARC). Na manhã seguinte à sua criação, o grupo já contava com 1500 adeptos e não parou mais de crescer. Dois dias após sua criação, o grupo já reunia 8 mil membros que, em seus comentários, insistiam em tomar uma atitude concreta contra as FARC.

Morales resolveu então criar um evento na rede social propondo uma passeata nacional contra os guerrilheiros. Residentes de outros países, como Estados Unidos, Espanha e França começaram a apoiar o movimento e sugerir que este fosse um evento de cunho mundial, tamanha a abrangência da causa. Até que em 4 de fevereiro de 2008, cerca de um mês após a criação do grupo no Facebook, 10 milhões de pessoas foram às ruas da Colômbia, e outra 2 milhões ao redor do mundo protestaram contra as FARC. A coragem que faltava a muitos cidadãos de dar o primeiro passo contra o problema no mundo real, lhes sobrava no virtual, reunindo rapidamente pessoas e ideias e resultando numa manifestação presencial de grande importância para enfraquecer os guerrilheiros.

Kirkpatrick destaca o papel de arma política que a rede social teve nesta questão, apesar de não ter sido desenhada para tal. A partir deste evento, vários outros grupos passaram a utilizar o Facebook como “quartel-general”, como denominou Oscar Morales. O uso das redes sociais para a defesa de causas diversas conta com o diferencial da conectividade em que os cidadãos estão envolvidos na atualidade. Uma passeata pode gerar alguns dias de notícias na TV e nos jornais, mas logo para de repercutir na imprensa. Através das redes sociais, elas se mantêm vivas, presentes no cotidiano daqueles que se interessam pela causa e aumentando as chances de chegar aos desinformados e/ou até então desinteressados.

O mesmo fenômeno acontece hoje com os manifestantes de *Wall Street*. Apesar de haver uma representação muito pequena do movimento na mídia jornalística tradicional, mais de um ano após o começo das ocupações os perfis nas redes sociais continuam atraindo pessoas e fomentando discussões. Dentre as diversas cidades em que o movimento se instalou, quase todas tem uma conta própria no Twitter e estão atentas ao que acontece nas outras cidades através do microblog. Perfis no Facebook e blogs também ajudam a enriquecer e divulgar as ideias do movimento, além de manter informados aqueles que ainda tenham interesse em saber a quantas andam as ocupações. Ou seja, acontece uma espécie de cobertura extraoficial dos fatos, feita pelos próprios manifestantes, lembrando que entre eles, existem diversos tipos de profissionais, não excluindo os da imprensa, empregados ou desempregados; anônimos ou não.

Esse fenômeno das redes sociais se transformando nas principais fontes de informação é explicado por Henry Jenkins no livro *Cultura da Convergência*, que trata do encontro das mídias digitais contemporâneas – e seu caráter colaborativo/participativo – com as mídias tradicionais, classificadas pelo autor como passivas. Jenkins não acredita que a tecnologia por si só, ao atribuir diversas funções a aparelhos eletrônicos portáteis, funcione como motor de participação dos consumidores. Tal participação é extremamente relevante para que haja uma circulação de conteúdos nas novas mídias, permitindo que as informações possam romper fronteiras, mas esta participação representa principalmente a mudança cultural que está por trás deste encontro entre o atual e o tradicional, produzindo estímulos à busca de novas informações que possam conectar os múltiplos conteúdos dispersos nas redes.

2.2 A efemeridade de um movimento “pop” – populista ou popular?

Por se localizar em Nova Iorque, uma cidade que não é apenas o centro econômico mundial, mas também um importante centro turístico dos Estados Unidos o movimento se tornou conhecido rapidamente. Os noticiários mostravam turistas e celebridades visitando os indignados acampados em *Wall Street* e tirando fotos com eles, o que ajudou bastante na popularização do evento mundialmente. Tendência esta em que cabem duas interpretações ao menos. A primeira, de que os turistas estariam apenas visitando mais um ponto ou atração turística de Nova Iorque, sem objetivos políticos ou ideológicos. A outra seria de que estas visitas de turistas e celebridades seriam uma forma de demonstração de apoio à causa, ratificando o quão cosmopolita ela é ao tratar de assuntos que estão presentes em diversos

países, independente do sistema político em vigor. Dada a repercussão mundial do movimento, a segunda alternativa parece condizer melhor com a realidade.

“O que se vê na América é um grande questionamento de um sistema que não está funcionando mais”⁴, declarou o ator americano Brad Pitt durante uma coletiva de imprensa realizada para divulgar o filme "*Moneyball*" em Tokyo, no Japão. Pitt não foi o único a aderir ao movimento. Astros da música com a cantora Katty Perry, e os signatários do site Occupy Musicians, lançado para apoiar o movimento, Tom Morello (ex-Rage Against The Machine e Audioslave), Lou Reed (Velvet Underground), Laurie Anderson, Amanda Palmer, Jello Biafra, além dos rappers Saul Williams e Talib Kweli também se declararam a favor da causa. Thom Yorke, do Radiohead e alguns membros da banda Unkle fizeram um show beneficente num porão em Londres, para arrecadar fundos e distribuí-los aos acampamentos do movimento ao redor do mundo. Além dos astros da música, intelectuais como o quadrinista inglês Alan Moore, criador de “V de Vingança”, um conto sobre a luta pela dignidade e liberdade numa Inglaterra dominada pelo fascismo, e cuja imagem do protagonista tem sido usada em máscaras em alguns protestos pró-democracia, elogiou os protestos dizendo que todos aconteceram de forma muito inteligente e não violenta.

Entretanto, nem todos estão a favor das ocupações. Para o também quadrinista Frank Miller, autor de “300” e “Sin City”, *OWS* não é um levante popular “ Isso é lixo”, diz em seu blog⁵ onde insulta os ativistas chamando-os de crianças mimadas, bando de estúpidos entre outros, além de classificar o movimento como “uma massa desgovernada alimentada por uma nostalgia da época de Woodstock e uma moral falsa e podre. Esses palhaços só vão prejudicar a América.” Miller sugere ainda que os protestantes saiam das ruas e procurem emprego.

Tamanha popularidade e espetacularização que atrai prós e contras de forma repentina, reunindo os mais diversos grupos ideológicos e chamando a atenção de celebridades e da imprensa, pode fazer do movimento uma espécie de modismo, que surge, dita suas novas regras, convence alguns, atrai muitos outros por sua popularidade momentânea, mas que, com o passar do tempo, vai desaparecendo em meio a novas tendências, como um ciclo, que vai e volta quando menos se espera.

Esta tendência ao modismo também pode ser atribuída ao movimento pelas bases em que este fora criado: a internet. Com sua volumosa carga informativa e as mais diversas possibilidades de interação, a internet tornou-se uma ferramenta onde é possível lançar

⁴ Tradução da autora de trecho disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2011/11/10/brad-pitt-talks-occupy-wall-street-moneyball_n_1086423.html Acesso em: 01/05/2012

⁵ Disponível em: www.frankmillerink.com Acesso em 01/05/2012

modas, criar sucessos, geri-los, arruiná-los ou não dar mais visibilidade a eles, fazendo com que rapidamente sejam esquecidos e/ou substituídos por novas tendências. Ao tornar-se espetáculo enquanto movimento, como estratégia para agregar novos adeptos, seja por afinidade com os ideais propostos pelo grupo, por identificação com as celebridades que a ele declaram simpatia e apoio, ou pelo desejo de ser parte de um espetáculo midiático contemporâneo de alcance mundial; o movimento corre o risco de se tornar efêmero, como todo espetáculo, por natureza. No entanto, tentar posicionar-se enquanto espetáculo faz com que a manifestação use contra o sistema que o oprime as mesmas armas com que tem sido oprimida. Afinal, desde que o capitalismo consolidou-se, não há forma mais eficiente de mantê-lo funcionando se não espetacularizar tudo que for possível, desde os bens materiais até as experiências, como viagens e concertos, por exemplo.

A mídia trabalha em seus espetáculos dizendo imitar a vida real e a vida real, por sua vez tenta imitar o espetáculo, gerando um círculo vicioso que alimenta ilusões, sensações e a economia contemporânea. Situação esta que Guy Debord ressalta, ao referir-se à dominação das economias subdesenvolvidas, em que não apenas um maior equilíbrio econômico das outras nações é o responsável direto pela dominação das menos abastadas, mas o sustento da ideia de sociedade do espetáculo em si.

Nos lugares onde a base material ainda está ausente, em cada continente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social. (...) Assim como ela apresenta os pseudobens a desejar, também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução. O espetáculo específico do poder burocrático, que comanda alguns países industriais, faz parte do espetáculo total, como sua pseudonegação geral, e seu sustentáculo. (DEBORD, 1997: 38;39)

Ao discorrer sobre o proletário como sujeito e representação, Debord lembra as lutas da burguesia contra o Estado nos séculos XVII e XVIII, que se transformaram em parte da História e modificaram a percepção dos homens quanto à ilusão do que se quer frente ao que se tem. Alcançados os objetivos da revolução, os sujeitos tornam-se conscientes do poder de transformar a realidade em que vivem.

Historicamente adiante, quando as batalhas ideológicas entre o socialismo e o capitalismo foram travadas, as implicações que derivariam da predominância de um dos modelos sobre o outro tiveram grande influência do ambiente midiático. O ideário de mocinhos e bandidos foi construído através do cinema e da televisão, onde o espetáculo fazia parecerem muito mais utópicos do que realmente poderiam ser as reivindicações socialistas, ou muito mais atraente o capitalismo. Debord representa a queda do muro de Berlim como um marco histórico sim, mas que teve um caráter muito mais ligado ao espetáculo do que às

mudanças políticas que estavam por vir em uma realidade onde havia frentes políticas e limites geográficos definidos. Ao ser televisionada mundo afora, a imagem do muro sendo desfeito ficou na memória como um marco significativo.

Se compararmos, os movimentos que estão acontecendo hoje, com os passados, será possível perceber o quão descentralizada é a revolução contemporânea. A militância do *OWS* foi muito influenciada pela orientação predominantemente antiautoritária de muitos dos ocupantes, contribuindo para que seu estilo horizontal e igualitário inspirasse os participantes a protestar de forma criativa e autônoma. Por suas múltiplas faces, origens, etnias, e desejos envolvidos, estes movimentos de ocupação parecem sofrer do que Debord chamaria insuficiência teórica na defesa científica da revolução. Ao envolver assuntos de vieses quase completamente não relacionados entre si (ao menos em um primeiro momento), como o desemprego e o Aquecimento Global, por exemplo, o movimento ganha adeptos pela abrangência, mas perde pela falta de foco e liderança, ao não estarem relacionados a partidos políticos ou ideologias pré-denominadas. Não se trata aqui da busca pela democracia, uma vez que esta já está em vigor no modelo capitalista atual. Mas busca-se um sistema alternativo a este, - que tem sido chamado pelos espanhóis de “Democracia real”- que funcione de forma benéfica para todos os cidadãos e não em prol de uma minoria em detrimento dos demais, como vem acontecendo hoje.

Mas por trás da necessidade de discussão, de reconstrução do caráter real da democracia, há um afeto que vocês devem saber guardar sempre, porque é o motor de toda crítica. Trata-se do profundo sentimento de mal-estar e desencanto que todos vocês sentem e que os faz estar aqui. É a angustiado desencanto que nos une, que faz com que o mesmo sentimento apareça em Túnis e São Paulo, Cairo e Nova York. (SAFATLE in DORIA & VALVERDE, 2012: 51).

Apesar de abranger numerosas mazelas da sociedade capitalista democrática, a falta de uma liderança ou um método qualquer que dê mais segurança e familiarize os manifestantes com cenários de revoluções passadas pode ser um fator responsável por dissolver gradativamente a força mobilizadora das ocupações. A história nos mostra que a descentralização nem sempre teve um bom resultado quando tratava-se de domínio. Por outro lado, há que se observar sem subestimar a força destes movimentos e de suas formas de agir e de se proliferar. Agora estamos tratando de grupos que trocam ideias com milhares e até mesmo milhões através da internet, e que desta forma, tem aumentado seu exército virtual e físico.

A mesma descentralização, que pode ser a ruína dos manifestantes de Wall Street pelo

mundo, pode ser a chave de seu sucesso, uma vez que, tratando-se de um movimento Global, há que se considerar as diferenças estruturais, culturais, políticas e econômicas de cada cidade, estado ou país em que o movimento veio a se instalar. Em cada localidade, os grupos que defendem ou atuam nas ocupações teve início de maneira única e singular, ao enfatizar as causas pertinentes às localidades em si, o que fortalece o todo através das pequenas partes.

O apoio de celebridades e artistas norte americanos e de outras nacionalidades só contribui para acabar com o que David Harvey, chama de *Party of Wall Street*⁶. Ele acredita que, quando profundas questões políticas e econômicas são transformadas em questões culturais durante uma crise, elas acabam se tornando incontestáveis, impedindo que sejam manipuladas, como de costume, pelos políticos nas câmaras municipais e federais, pelas universidades e centros de conhecimento, que são financiadas por este “partido”, e por toda a mídia, que costuma ser controlada pelo mesmo “partido” a fim de criar polêmicas inexistentes.

As reivindicações variadas em virtude da diversidade de pessoas que compõe o movimento remetem às políticas populistas, que prometem melhores qualidades de vida, trabalho, remuneração, educação e saúde aos eleitores. Esse retorno a tais necessidades por parte não de uma população regional, mas de cidadãos em todo o mundo, mostra o quanto o modelo democrático vem falhando frente às propostas de qualidade de vida prometida aos cidadãos pelos representantes escolhidos através do voto, representantes estes que agem corruptamente pelas costas da população.

Além disso, não é só sobre o trabalho de exploração. O que está acontecendo agora é que nós estamos encontrando mais e mais acúmulo de riqueza que é através da desapropriação da riqueza dos outros. Quero dizer, a classe capitalista não sabe mais como produzir riqueza. Eles são bons em roubar. Eles são realmente bons em legalizar a extração da riqueza por todos os tipos de meios. E agora, em todo o mundo há uma tentativa de concentrar todos os recursos do planeta Terra, para que, na verdade, um pequeno grupo de pessoas efetivamente controlem todos os recursos que permitem o florescimento da vida social. Não podemos deixar que a concentração de riquezas continue. Tem que ser parado. Tem que ser invertida. (HARVEY, 2011)⁷

⁶ (Partido de Wall Street).

⁷ Disponível em <http://elainecastillo.tumblr.com/post/12786747720/video-and-transcript-of-david-harvey-speaking-at> . Acesso em 01/05/2012

3 ENTENDENDO A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS

Sistemas de distribuição são apenas e simplesmente tecnologias; meios de comunicação são também sistemas culturais. Tecnologias de distribuição vêm e vão o tempo todo, mas os meios de comunicação persistem como camadas de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado.

Henry Jenkins

Da prensa móvel de Gutemberg aos comentários e compartilhamentos de informações no Facebook e em outras redes sociais hoje, o homem evolui tecnicamente, sempre buscando atingir um público cada vez maior. Com o passar dos anos, o avanço da tecnologia permitiu não apenas um alcance maior dos mais diversos dados, mas uma segmentação do público que se pretendia atingir, criando nichos e fomentando uma via de mão dupla, onde não apenas os temas eram engendrados para um público específico, como este público buscava, passando a “filtrar” as informações que eram de seu interesse.

Hoje esta segmentação apresenta-se muito mais específica e certa quanto ao posicionamento das informações, seja através de imagem, texto, som ou vídeo, deixando nas mensagens pouca ou, por vezes, nenhuma ambiguidade, que em outros tempos poderia ter a finalidade de aumentar o alcance sobre públicos diversos. No entanto, a opinião assumida por si só não é o que têm estimulado nichos, ideias e cidadãos ultimamente, mas o amplo acesso que qualquer pessoa pode ter desta através da internet e mais especificamente, das redes sociais.

3.1 Convergência, participação e poder

Não se trata mais de uma via de mão dupla, em que um (geralmente a imprensa) produz conteúdo direcionado e outro busca esta informação determinada. Agora o conteúdo pode surgir de onde menos se espera: fontes cidadãs, sem crachás, faixa etária, profissão, nacionalidade, ou até mesmo da imprensa; e está sujeito a comentários – contra, a favor ou indiferentes –, compartilhamentos, *tweets*, *retweets*, divulgação através de blogs, sms, entre outras formas tecnológicas de expressar opinião.

Ontem os militantes da direita liam a Veja e os de esquerda a Carta Capital e a Caros amigos, assumindo seus diferentes pontos de vista, mas utilizando para confrontá-los tendenciosos debates em programas de televisão e rádio ou críticas a serem publicadas nos jornais de mesma tendência ou nas próprias publicações. Lembrando que quem tomava um

posicionamento inicial ou em resposta era a imprensa neste caso. Os leitores/espectadores poderiam contribuir com a seção de carta aos leitores – que, reza lenda, sofre diversas edições – ou participações ao vivo durante os programas de tv e rádio, geralmente realizadas através do telefone. Com a internet o leque da participação ampliou-se de forma que qualquer pessoa pode opinar, participar e, utilizando as ferramentas corretas, dar visibilidade aos mais distintos temas.

E não se trata de deixar para trás o jornal impresso, a televisão ou o rádio em prol de uma nova forma de fazer informações circularem. As mídias tradicionais continuam atingindo a maior parte dos cidadãos, mas agora, caminham de mãos dadas com a internet e as mídias sociais. Essa é a convergência, capaz de promover transformações sociais, mercadológicas, culturais e tecnológicas através da união dos meios de comunicação tradicionais com os novos, incentivando uma cultura mais participativa, onde consumidores são estimulados a buscar novas informações e fazer conexões entre conteúdos anteriormente dispersos na mídia.

Entretanto, a convergência não é um fenômeno atual, imutável e com limites predefinidos. Ela já aconteceu antes e tudo indica que continuará evoluindo. Quando o rádio surgiu, por exemplo, já existiam os jornais impressos, e um não representou o fim do outro, mas uma alternativa aos consumidores de informações. Da mesma forma, a tv estabeleceu uma nova relação com os espectadores, representando uma fatia de mercado alternativa e com o passar dos anos, estes meios foram se adaptando de forma a conviverem juntos em harmonia e complementaridade. Agora é a vez da internet.

Convergência não significa perfeita estabilidade ou unidade. Ela opera com força constante pela unificação, mas sempre em dinâmica tensão com a transformação... Não existe uma lei imutável da convergência crescente; o processo de transformação é mais complicado do que isso. (POOL *apud* JENKINS, 2009: 53,54)

Ao reunir uma quantidade não apenas muito maior, mas também mais plural de informações e entretenimento, a rede mundial de computadores pode abrigar variadas funções, das pedagógicas às políticas. Para Ithiel de Sola Pool, (*apud* JENKINS, 2009: 38) pioneiro nos estudos de ciências sociais, esta seria uma era de transição midiática, marcada por decisões táticas e consequências inesperadas, sinais confusos e interesses conflitantes e, acima de tudo, direções imprecisas e resultados imprevisíveis. Afinal, as transformações advindas da convergência têm dois lados que podem se complementar ou repelir ao oferecer a oportunidade de expressão e participação popular; pode-se colocar em risco o poder exercido até então pela grande mídia.

Como as mais jovens representantes da convergência, é desta forma que as mídias sociais se apresentam hoje. Constantemente em mutação, através delas é possível formar grupos de interesses relacionados a qualquer tema e fazer muito “barulho”, trazendo à tona questões políticas de interesse e caráter mundiais, mas cuja duração, assim como o alcance, é extremamente aperiódico. Os acampamentos de *Wall Street* traduzem bem essa imprevisibilidade. Pessoas se organizaram através do Twitter, Facebook e blogs pessoais, foram às ruas, permaneceram lá em acampamentos durante alguns meses (período variável entre cidades), e ganharam espaço até mesmo na mídia tradicional, embora seja questionável a abordagem que a grande mídia fez dos protestos. Hoje, mais de um ano após as primeiras ocupações, mal se ouve ou lê-se sobre o *Occupy Wall Street* na mídia tradicional, mas é possível encontrar numerosos perfis do movimento no Twitter, representando cidades norte-americanas e de outras nacionalidades; páginas no Facebook apoiando as ocupações, as ideologias por elas disseminadas, divulgando palestras e eventos de caráter político, tomando posições partidárias e por vezes anárquicas, fotos, vídeos, campanhas. Tudo isso ainda vive através das redes sociais.

Talvez não possamos derrubar o poder estabelecido (seja o poder dos partidos políticos ou dos grandes doadores de dinheiro) da noite para o dia: ninguém envolvido nessas campanhas inspiradas na cultura popular está falando em revolução, digital ou de outra ordem. Estão falando numa mudança no papel do público no processo político, aproximando o mundo do discurso político das experiências de vida dos cidadãos; estão falando em mudar a maneira como as pessoas pensam sobre comunidade e poder, para que sejam capazes de mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo; e estão falando em substituir o conceito do cidadão individualmente informado pelo conceito cooperativo do cidadão monitor. (JENKINS, 2009: 287)

3.2 Os novos megafones

Para entender as novas formas de manifestação popular, como atingem tantos adeptos em tão pouco tempo e porque elas estão funcionando cada vez mais como ferramentas políticas, é necessário compreender como cada uma surgiu e como funcionam atualmente. Assim, abordaremos brevemente estes aspectos das principais redes a serem trabalhadas aqui: o Facebook, o Twitter e os Blogs.

3.2.1 O Twitter

A rede de microblogs onde milhares de usuários narram suas trajetórias diárias, em 140 caracteres por vez, inspirou-se em um serviço de troca de status criado em 2006,

semelhante ao SMS. Denominado apenas *Status*, o serviço foi ideia de Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, este também criador do Blogger, enquanto trabalhavam na também fundada por eles, Odeo, uma empresa de *podcasting*. A princípio, o *Status* seria utilizado apenas por membros da empresa, que a cada vez que um *update* fosse enviado para a rede, receberiam um *Twich*, a palavra inglesa para vibração.

Como a vibração em si não representava a ideia do serviço, seus criadores buscaram novas palavras, até encontraram *Twitter*, que poderia significar, pios de pássaros (daí o símbolo da rede ser um pássaro) ou uma pequena explosão de informações inconsequentes. Como ambos os significados representavam bem o conceito do negócio, decidiram adotar esta denominação. Em abril de 2007 o microblog tornou-se uma companhia independente.

Mas foi a partir de 2009 que o *Twitter* se tornou uma “febre” entre os usuários da internet. Pessoas permaneciam conectadas durante grande parte do dia twittando sobre tudo que estavam fazendo, suas opiniões sobre algum assunto, trocando links com notícias, vídeos e outras informações ou até mesmo dialogando umas com as outras. Saber utilizar o *Twitter* começava a interferir na rotina dos profissionais de comunicação e entre seguidores e seguidos, a rede passou a representar uma potencial ferramenta de negócios e informações transformando-se em oportunidade para empreendedores dos mais variados ramos de atuação.

Desde então o serviço atrai milhares de usuários mundo afora, incluindo celebridades, grandes empresas, veículos da mídia e claro, cidadãos comuns. Furos de reportagem são conseguidos através do microblog, escândalos invadem a mídia após declarações de celebridades, políticos ou grandes empresas. Guerras, desastres, descobertas da ciência ou números eleitorais são compartilhados com milhares de pessoas em tempo real, através das mensagens curtas e diretas ou de fotografias. Usuários compartilham com seus seguidores sua indignação ou aprovação sobre os mais diversos assuntos, e, dependendo da popularidade da temática, as *hastags*⁸ passam a rastreá-las. É possível manter-se informado através do *Twitter*, desde que se siga os usuários corretos, como editorias específicas dos veículos de comunicação ou blogs de interesse determinado. Aliás, esta foi uma poderosa ferramenta de divulgação para os blogs, que passaram a ter outro espaço, além da blogosfera, para divulgar suas publicações e procurar escritores parceiros ou semelhantes.

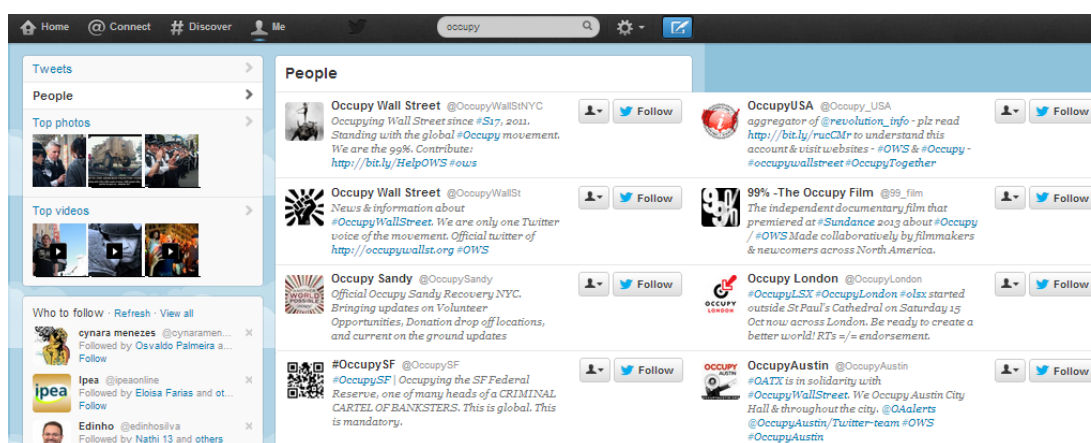
Foi justamente através do *Twitter* que o *Occupy Wall Street* deu seus primeiros passos em direção ao conhecimento público. Os manifestantes que chegaram à *Zuccotti Park*

⁸ Segundo o centro de apoio aos usuários do Twitter, o símbolo #, chamado de hashtag, é usado para marcar palavras-chave ou tópicos em um Tweet. Ela foi criada organicamente por usuários do Twitter como uma forma

enviavam para o microblog atualizações do que acontecia por lá, além de fotos e vídeos. Durante uma semana, esta foi a única cobertura do acontecimento em questão, o que não impediu que as informações obtivessem um grande alcance. A imprensa oficial só passou a enfatizar a cobertura do que acontecia por lá quando a força policial se envolveu tentando deslocar os manifestantes do local.

Também através da rede, milhares de usuários trocam mensagens desde então, formando novos grupos de ocupação em cidades por todos os Estados Unidos e além do país. O perfil *@OccupyWallSt*, por exemplo, tem hoje⁹ 175,417 seguidores. Atualmente existem cerca de 140 perfis no Twitter relacionados ao *Occupy Wall Street*, onde as futuras ocupações são planejadas e anunciadas e a cobertura das atuais é feita pelos próprios militantes. Além desse tipo de uso, os militantes também utilizam o microblog para promover uma segmentação do grupo por assuntos de interesse, como os que são veteranos de guerra (*@OccupyArmy*), os que buscam soluções para o Meio Ambiente (*@OWSEnvironment*), os que providenciam alimentação nas ocupações (*@ows_kitchen*), entre outras, como o grupo que decidiu aplicar o modelo de ocupação aqui no Brasil, o *@OccupyBrazil*, que, bem menos popular que o perfil norte americano, conta com apenas 4.147 seguidores. Apesar de se apresentarem em um número pouco significativo, quando comparado à expressiva presença dos usuários a favor do *OWS*, não se pode deixar de fora os usuários que são contra o movimento e também criam perfis difundindo essa ideia.

Figura 2: Resultados da busca pelo termo “occupy” no Twitter



Fonte: <https://twitter.com/search/users?q=occupy+>

de categorizar as mensagens. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/49309-what-are-hashtags-symbols> Acesso em: 17/01/2013

⁹ Disponível em <https://twitter.com/OccupyWallSt> - Acesso em 17/01/2013

3.2.2 O Facebook

Diversas polêmicas envolvem a criação do Facebook quanto a direitos autorais, mas deixando-as em segundo plano, a rede social foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg, então estudante de *Harvard*, e outros três amigos, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin. Inspirada nos anuários das universidades, onde constavam fotos de todos os estudantes, Zuckerberg criou o “*thefacebook.com*”, rede que só podia ser acessada pelos estudantes de Harvard num primeiro momento, e posteriormente por todos os estudantes da *Ivy League*¹⁰, com o objetivo de criar uma rede social que se assemelhasse aos círculos sociais da vida real, onde as pessoas compartilhassem fotos, acontecimentos, pudessem conversar com amigos e onde era preciso ser convidado para fazer parte.

Gradativamente, a página foi se expandindo ao permitir que estudantes de outras universidades e até mesmo de escolas pudessem participar, até que em 2006, o site que fora criado para ser uma rede social voltada para o mercado universitário, passou a permitir cadastro ao público em geral. De lá para cá, diversas parcerias foram feitas e o Facebook aparece listado como uma das mais valiosas¹¹ empresas no mercado financeiro.

Por algum tempo o Facebook serviu apenas como rede social, em seu sentido de promover a comunicação entre pessoas que se conhecem em um espaço onde podem compartilhar experiências, eventos e preferências. Num segundo momento, além das opções “curtir” que poderiam ser associadas a filmes, esportes, estilo musical, personalidades e outras preferências genéricas, passaram a existir as páginas que também poderiam ser curtidas. Neste momento, locais, artistas, bandas, marcas, produtos, empresas, organizações, negócios locais, e causas passaram a poder criar suas próprias páginas e utilizar a rede social como ferramenta de divulgação e marketing onde fãs, consumidores e simpatizantes podem curtir e compartilhar com suas listas de amigos todo material que as páginas disponibilizam.

Trabalhando de forma mais visual do que o Twitter, no Facebook imagens belas, marcantes ou ilustrativas são constantemente associadas a frases de efeito que estimulam o compartilhamento entre os usuários, de suas preferências e ideologias. A rede social permite também que vídeos postados pelos usuários sejam visualizados na própria página da rede, sem precisar abrir o link em outra janela do navegador. Isto permite que a atenção do espectador

¹⁰ A Ivy League é o nome da liga esportiva formada por oito das tradicionais universidades do nordeste dos Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Pennsylvania e Yale.
<http://www.ivyleaguesports.com/landing/index> Acesso em 16/01/2013

¹¹ Disponível em: http://www.millwardbrown.com/brandz/2012/Documents/2012_BrandZ_Top100_Chart.pdf
Acesso em 16/01/2013

não se perca em outros vídeos ou temáticas, uma vez que este permanece na página em que já estava navegando anteriormente, aumentando as chances de identificação e reflexão deste sobre o conteúdo exibido.

O *Occupy Wall Street* também está presente nesta rede social, com centenas de páginas relacionadas ao movimento. Uma das mais populares¹² está no ar desde 25 de outubro de 2011, 39 dias após a primeira ocupação na praça Zuccoti, é curtida por 331 mil usuários da rede social e utiliza como principal meio de divulgação imagens que retratam a guerra, a fome, a miséria, a pobreza, a corrupção, o desrespeito à natureza entre outras mazelas da sociedade capitalista contemporânea, a fim de popularizar uma conscientização dos usuários e seus amigos, através de compartilhamentos, dos problemas que o planeta e a sociedade vem enfrentando em todos os continentes.

Mas não se trata apenas de conscientização virtual, onde os usuários se identificam com alguma ideologia ao “curtir”, “comentar” e/ou “compartilhar” alguma informação. O objetivo das páginas que se referem ao *OWS* é trazer ao mundo real os protestos do mundo virtual, na esperança de alcançar resultados também reais. Ao sincronizar redes como o Facebook, o Twitter e os blogs, os ativistas cibernéticos tentam expandir ao máximo o alcance de suas ideias ao “cercar” os leitores por todos os lados.

Novamente, os blogs têm aqui outro espaço de divulgação. As páginas no Facebook também são constantemente associadas aos blogs, sejam eles já existentes sob a mesma temática e nomenclatura da página em questão, ou que produzam conteúdos de mesma linha ideológica, passando a compor o leque de publicações replicadas na rede social. Como ferramenta de divulgação com maiores chances de atingir o público online, os blogueiros têm criado páginas para seus blogs no Facebook, a fim de alavancar a audiência destes, conseguindo fãs que não sejam necessariamente blogueiros. Além disso, existem hoje diversos *pluggins*¹³ que permitem a visualização dos seguidores no Twitter e das pessoas que curtem o blog no Facebook na própria página do blog, além de links para outras redes sociais que também possam compartilhar o conteúdo disponível ali, como Linked In ou Google+.

3.2.3 Os Blogs

A mais efetiva das armas de comunicação dos indignados é também a mais antiga e duradoura entre as redes sociais. O primeiro blog surgiu timidamente, em 1994, quando Justin

¹² Disponível em: <http://www.facebook.com/OccupyWallSt1> Acesso em 16/01/2013

¹³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plugin> Acesso em: 17/01/2013

Hall, um estudante da Universidade de Swarthmore, criou o *Links.net*, que continua no ar, embora sem muitas extravagâncias gráficas. Alguns anos depois, em 1997, Jorn Barger, um dos primeiros blogueiros cunhou o termo “*weblog*” para designar o processo de estar logado na internet. Em 1999 o programador Peter Merholz encurtou o termo para o que utilizamos hoje: blog. No mesmo ano, o serviço de criação de blogs gratuitos *Blogger* iniciou suas atividades, aumentando consideravelmente o número de usuários da internet que criavam suas próprias páginas. A partir de então, vários outros sites de hospedagem de blogs foram criados, até o *Wordpress*, que tem sido o mais utilizado atualmente.

Quando os usuários começaram a criar blogs, a maioria deles era de caráter pessoal, onde pessoas comuns podiam fazer um diário virtual, contando o que acontecia em suas vidas. Com o passar do tempo, os blogs e os blogueiros foram amadurecendo novas ideias, passando a criar páginas sobre assuntos de interesse geral, comumente conduzidos por temas como moda, decoração, viagens, programas de tevê, celebridades, política, cultura, entre outros, onde a opinião do blogueiro prevalecia nitidamente nos textos. O aperfeiçoamento desta prática conquistou o interesse do público de tal forma que os jornais passaram a ter diversos blogs em suas páginas. Estes, escritos por jornalistas, mas sem perder o caráter opinativo. Nos blogs a opinião de quem escreve não precisa ser mascarada pela imparcialidade dos textos jornalísticos, e é justamente este o seu diferencial.

Dado o sucesso dos blogs em todo o mundo, eles começaram a se tornar ferramentas de trabalho, divulgação e, antes das outras mídias sociais, uma ferramenta política. A escrita é uma das formas de comunicação mais convincentes quando bem utilizada. A possibilidade de escrever o que quiser, expondo todo tipo de opinião sem censura é uma característica extremamente sedutora, sobretudo para os militantes de alguma causa. Diante de uma grande mídia condenada por muitos ao agir de forma tendenciosa, omitindo ou alterando fatos em nome de interesses corporativos, econômicos, políticos e até mesmo pessoais, muitos leitores passaram a crer que o conteúdo dos blogs era mais confiável do que o da imprensa oficial. A discussão vai muito além da veracidade dos textos, passando pela questão profissional dos jornalistas, que frente a escritores não diplomados, mas considerados de qualidade por um vasto público leitor, ficam à mercê de inúmeras questões éticas diante do mercado de trabalho. Não se pode, entretanto, generalizar a situação, condenando os jornalistas formados como corruptos e considerando os blogueiros sem diploma como donos da verdade absoluta. Em ambos os mercados é imprescindível que o leitor exerça o seu senso crítico diante dos textos que lê.

Blogueiros não tem pretensão e serem objetivos; são quase sempre simpatizantes, sem nenhum constrangimento; quase sempre lidam com boatos e insinuações; e, como veremos, há evidências de que são lidos principalmente por aqueles que já concordam com os pontos de vista declarados pelos autores. O bloguismo pode estar, em um aspecto, facilitando o fluxo de ideias pelo panorama da mídia; em outros aspectos, está assegurando um debate político cada vez mais desagregador. É claro que o jornalismo profissional em si, como os blogueiros se apressam em observar, está progressivamente menos confiável, movido por projetos ideológicos, em vez de padrões profissionais, omitindo informações que contrariam seus interesses econômicos, reduzindo um mundo complexo a uma grande matéria por vez, e banalizando a política ao se concentrar apenas nas disputas por poder. Num contexto assim, os blogueiros irão concorrer com jornalistas profissionais matéria por matéria, às vezes acertando, às vezes errando, mas sempre obrigando um seguimento do público a questionar os argumentos dominantes. Não se pode contar com nenhum dos dois lados para apresentar ao público, sempre, a verdade, toda a verdade e nada além da verdade. Contudo, a relação antagônica entre as duas forças possibilita a correção de muitos erros. (JENKINS, 2009,297)

No entanto, a popularidade que muitos blogueiros conquistaram hoje devem-se em grande parte ao surgimento do Twitter, Facebook ou de outras mídias criadas anteriormente, como o Orkut, por exemplo, uma vez que os escritores de blogs não tinham muito espaço para divulgar seus sites. Quando muito, poderiam enviar e-mails aos amigos, familiares e etc., divulgando a página, ou seriam conhecidos predominantemente dentro da blogosfera, apenas por outros blogueiros que fizessem parte de sua rede. O advento de outras redes sociais permitiu que os blogs ampliassem seu alcance exponencialmente, contribuindo para que os relatos realizados na web se tornassem verdadeiras bandeiras de conscientização.

Um dos casos mais significativos do sucesso que os blogs representam, é o *Huffington Post*. Trata-se de um portal de notícias que além de reunir conteúdo da grande mídia, destacou-se por agregar conteúdo de diversos blogs. Lançado em 2005 por Kenneth Lerer, Andrew Breitbart, Jonah Peretti, e pela colunista Arianna Huffington, que dá nome ao portal, o Huffington Post conta com o apoio de diversos colunistas e fontes de notícias. Sob o slogan "*The Internet Newspaper: News, Blogs, Video, Community*" (O jornal da internet: notícias, Blogs, Video, Comunidade) o agregador de blogs americanos já tem edições internacionais, como a canadense, italiana, inglesa, francesa, espanhola e vem prometendo lançar o "The Huffington Post Brasil" desde 2011, mas, apesar do declarado interesse de Arianna pelo país, o projeto foi adiado diversas vezes.

O diferencial do portal está em reunir o jornalismo tradicional com o jornalismo cidadão, isto é, milhares de colaboradores produzindo conteúdo de forma independente e não remunerada em seus blogs. Ao valorizar a opinião dos leitores, o blog funciona como um estímulo ao jornalismo participativo, o que garante o sucesso do modelo nos diversos países em que já está presente, atraindo comentários e interação constante por parte dos usuários.

Outra ferramenta que contribui para a popularidade do *Huffington Post* é a rede social que o portal criou em parceria com o Facebook, a *Huff Post Social News*¹⁴. Através dela é possível publicar no Facebook as notícias que se está lendo, ver o que seus amigos leram e guardar um histórico de tudo que você leu em uma página personalizada dentro do *Huff Post*. O serviço é gratuito, estimulando e facilitando a interatividade com os leitores, além de atrair anunciantes.

3.3 A transformação em ferramenta política

O alcance que as redes sociais conquistaram nos dias atuais é fruto da chamada *Web 2.0*¹⁵, a segunda geração da *World Wide Web*, que a partir do ano de 2004 tornou o ambiente online mais dinâmico ao permitir a colaboração dos usuários, aumentando as trocas de informação entre estes e incentivando a organização de conteúdos de forma independente e coletiva. Com a chegada das redes sociais, este tipo de participação pôde se tornar mais expressiva. Rapidamente os usuários passaram a adaptar o uso da web aos seus interesses pessoais, políticos, profissionais, entre outros, transformando-as em agregadores de usuários segmentados por afinidades diversas através de grupos, comunidades e outras ferramentas.

No entanto, a constante evolução tecnológica em que vivemos proporciona não apenas o aperfeiçoamento das ferramentas que utilizamos na *Web*, como também o sucateamento de algumas delas, a exemplo de redes sociais como o Orkut¹⁶ e o Myspace¹⁷, por exemplo, que surgiram, atraíram milhões de usuários e, aos poucos foram perdendo sua popularidade para outras redes. Isto expõe a efemeridade destes ambientes virtuais, expostos ao julgamento dos usuários quanto a mudanças tecnológicas e estéticas e sujeitos à migração destes usuários para redes mais modernas, que ofereçam recursos novos, diferenciados e que estejam sempre em busca de possíveis atualizações.

¹⁴ Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/social/join.html> Acesso em: 20/01/2013

¹⁵ A partir da Wikipédia, o termo designa a segunda geração de comunidades e serviços da internet, fazendo referência a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores em relação a interatividade e participação gerada no ambiente cibernético. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Web_2.0 Acesso em: 20/01/2013

¹⁶ Segundo a Wikipedia, o Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Orkut> Acesso em: 20/01/2013

¹⁷ A partir da Wikipedia, MySpace é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação online através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. A rede social já foi a mais popular do mundo mas perdeu nos últimos anos para outras redes sociais como o Facebook. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/My_space Acesso em: 20/01/2013

O que não têm migrado com o avanço da tecnologia, é o senso crítico dos usuários, que parece ter evoluído tanto quanto as inovações tecnológicas das redes sociais. Motivados a fazer com que as informações que lhes parecem mais relevantes cheguem ao maior número de pessoas possível, os usuários não economizam curtidas, compartilhamentos, comentários e twittadas ao longo do dia, ainda mais quando se tem acesso praticamente ilimitado à internet através dos celulares, *tablets*, *palms*, *notebooks* e outros *gadgets*. Esta facilidade em acessar a internet de qualquer lugar, a qualquer hora, fez crescer o desejo dos internautas de compartilhar com o mundo tudo que fosse possível, inclusive fatos políticos, flagrantes, denúncias em tempo real através de fotografias, vídeos, entre outras. De repente, cada cidadão se tornou uma espécie de repórter nas ruas, divulgando fatos inusitados (ou, por vezes nem tão inusitados assim) e comentando os fatos que os amigos divulgaram. Esta foi justamente a fórmula que popularizou o *OWS* e ainda o mantém presente na web.

Entretanto, esta noção das redes como ferramenta política surgiu um pouco antes, através dos blogs, onde, como já descrito anteriormente, era e continua sendo possível escrever sobre qualquer assunto com liberdade para imprimir ali as mais inusitadas e polêmicas opiniões, sejam elas realistas ou não. A fim de compreender melhor as origens e decisões estratégicas do *Occupy Wall Street* através da internet, foi realizada uma entrevista por email com a jornalista e ativista social Alexa O'Brien¹⁸, que foi respondida no dia 30 de janeiro de 2013. A jornalista conta que a escolha das mídias sociais para dar origem ao que veio a se tornar o movimento foi proposital. Segundo ela, tudo começou com um perfil no Twitter e em seguida foi criada uma página no Facebook, ambas tinham muitos acessos, mas eram públicos diferentes. Para ela, a nova geração de internautas americanos é mais transitória e diversa que as predecessoras: “Nós levamos a globalização a sério - do ponto de vista do vale, e não o topo da montanha. Nós desconfiamos da arrogância política e das formas tradicionais de política organizada. Nós organizamos por ideias e pelo lugar, mas lugar como ideias, como uma experiência”¹⁹.

Três eventos específicos foram decisivos na história pessoal de O'Brien para que ela percebesse efetivamente o quão poderosa a internet poderia ser enquanto arma política. O

¹⁸ Alexa O'Brien foi escritora no WL Central, entre janeiro de 2011 e junho de 2012. Ela cobriu o lançamento do WikiLeaks, memorandos da força tarefa de Guantánamo conhecidos como os 'arquivos GTMO', e revoluções em todo o Egito, Bahrein, Irã e Iêmen, assim como os procedimentos legais de Bradley Manning. Disponível em: <http://wlccentral.org/users/alexa-obrien> Acesso em: 30/01/2013

¹⁹ Original em inglês: This new American Generation is more transient and diverse then out predecessor. We Take globalizations for granted – from the point of view of the valley, not the mountaintop. We distrust political grandstanding, and traditional forms of organized politics. We organize by ideas and by place- but place, like ideas, as an experience. (O'BRIEN, Alexa, 2012) Disponível em: http://www.alexao'Brien.com/secondsite/in_the_press/in_the_press_ha.html Acesso em 30/01/2013

primeiro e mais influente deles foi o surgimento do WikiLeaks²⁰, uma organização de mídia sem fins lucrativos que surgiu em 2007 e foi popularizada pelo também jornalista e ciberativista, o australiano Julian Assange, ao divulgar informações e documentos polêmicos e confidenciais de diversos governos, entre eles os Estados Unidos. Para ela não haveria *Occupy Wall Street* sem a maneira corajosa com que as pessoas se agregaram em torno do conteúdo publicado. O segundo foi uma foto do crânio rompido de um homem do Bahrein acompanhada de uma mensagem pedindo ajuda. Alexa, que cobrira as revoluções no Bahrein sem que estas estivessem sendo cobertas pela imprensa oficial, recebeu a imagem durante uma reunião de negócios e percebeu o quanto era perturbadora, instigante e como teria causado a mesma sensação em diversas outras pessoas a quem fora enviada. A última influência da ciberativista foi uma entrevista que ela mesma realizou com Omar Deghayes, um ex-detido de Guantánamo²¹ para uma entrevista sobre WikiLeaks que abordava a publicação de arquivos sobre o campo de detenção.

Após estes eventos, Alexa fundou o site usdayofrage.org (Dia de fúria dos Estados Unidos) em fevereiro de 2011, onde ao lado de amigos, ela ampliou os limites da mídia social para constituir uma organização digital de desobediência civil e não-violenta de protesto. O portal usdayofrage.org foi fundamental para a organização tradicional e digital de ação de ocupação que ocorreu em seis cidades americanas em 17 de setembro de 2011, e construiu redes de confiança que se espalham de forma viral através da *hashtag* #occupywallstreet por todos os EUA.

O'Brien explica que, desde o seu surgimento, o *Occupy Wall Street* não pode se divorciar da *World Wide Web* pois funciona como um ambiente de testes para realização de assembleias online organizadas por integrantes da geração da internet e mostra também a ineficiência dos partidos políticos e sindicatos enquanto representantes e defensores da opinião pública. O movimento representa então a tentativa de recuperação do espaço cívico, incluindo a própria internet.

As mudanças no cenário político e socioeconômico continuam desarticuladas entre o nosso discurso e o da mídia, porque tem sido obscurecida, por assim dizer, pelos tacanhos extremistas do lado esquerdo e direito da nossa política corporativa. Quando grande mídia, tentar caracterizar enxames ou mídias sociais - que são

²⁰ Disponível em <http://wikileaks.org/About.html> Acesso em 30/01/2013

²¹ O campo de detenção Baía de Guantánamo é uma instalação militar de detenção e interrogatório dos EUA situado no interior de Guantanamo Bay Naval Base, Cuba. A instalação foi criada em Janeiro de 2002 pela administração Bush para manter os detentos que haviam determinado a ser conectados com os adversários no Afeganistão e depois no Iraque. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Guantanamo_Bay_detention_camp Acesso em 30/01/2013

simplesmente redes confiáveis - ou mesmo inovações destruidoras como WikiLeaks, eles voltam estereotipados ou padronizados na mecânica tradicional da política organizada. Esses mecanismos estão certamente em jogo dentro da política americana, e dentro da Assembléia Geral da cidade de Nova York, e até mesmo dentro do movimento Occupy Wall Street. Mas, isso é uma mudança geracional entre formas tradicionais da política organizada - construídas com capital social pesado, e multidões de ciberativistas, construída com uma miríade, mas igualmente importantes laços sociais fracos. De fato, a tensão presta-se, em parte, a miopia do nosso país e à complexidade do Occupy Wall Street. Esta lacuna geracional é largamente despercebida por boomers²² e seus descendentes. Esta geração não está, em sua maior parte, lutando para libertar-se do passado. Estamos lutando para emancipar-nos do futuro. (O'BRIEN, 2013)²³

Ao abordar a noção de propriedade contemporânea, que para a jornalista está arraigada aos cidadãos como parte dos próprios genes, ela questiona a forma como tem sido permitido que os governantes ainda sejam considerados nossos representantes quando corruptamente, de forma ultrapassada defendem ideais sobre como devemos governar os comuns, causando um choque sem fim de civilizações ou ideologias para "os recursos naturais". Para Alexa, esta realidade faz parecer que continuamos presos ao passado, à nossa filosofia do século 18, as instituições do século 19, perspectiva do século 20, enquanto tentamos aplicar tudo isto aos problemas do século 21 e permanecemos presos àquelas ideologias. Como defende o antropólogo argentino contemporâneo, Néstor García Canclini, é preciso repensar a cidadania como "estratégia política", a fim de abranger as práticas políticas emergentes não consagradas pela ordem jurídica, como o ciberativismo e seus resultados contundentes, por exemplo.

Através da conversão de atividades online para ações off-line, isto é, da ocupação do espaço público concreto das praças, demonstra-se o papel das subjetividades na renovação da sociedade, além de representar realisticamente o lugar relativo destas práticas dentro da ordem democrática. Estes seriam exemplos de possíveis novas formas de legitimidade estruturadas de maneira duradoura em outro tipo de estado. Trata-se justamente do modelo de democracia que vem sendo questionado pelos ativistas do OWS e de outros grupos, como o espanhol M15M, que clama através de seu lema, por uma "Democracia Real", onde seja possível aos cidadãos efetivamente reivindicar os direitos de aceder e pertencer ao sistema sociopolítico bem como ao direito de participar na reelaboração do sistema, definido por aquilo de que queremos fazer parte (CANCLINI, 1995).

O desejo por uma democracia real unido à iniciativa de cada grupo manifestante de ir

²² Segundo a Wikipedia, a atual definição de Baby boomer, se refere aos filhos da Segunda Guerra Mundial, já que logo após a guerra houve uma explosão populacional. Nascidos entre 1943 e 1964, hoje são indivíduos que foram jovens durante as décadas de 60 e 70 e acompanharam de perto as mudanças culturais e sociais dessas duas décadas, como exemplo a Música Disco. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Baby_boomer
Acesso em: 30/01/2013

às ruas e tomar as redes com ideias até então revolucionárias demonstra que estes indivíduos estavam prontos para este momento histórico de participação. Para Alexa, a experiência da sociedade com a forma vigente de domínio político e econômico serviu como ensinamento, cujas consequências da crise econômica de 2008 funcionaram como estopim para a ação.

²³ Tradução da autora. Entrevista completa em anexo.

4 A ÉTICA DA CONVENIÊNCIA: ABORDAGEM DA MÍDIA ALTERNATIVA E DA IMPRENSA OFICIAL

Dada a importância das redes sociais na divulgação e formação de opinião a respeito das ocupações nos Estados Unidos e em outros países, há que se observar que tipo de cobertura jornalística a imprensa oficial americana e de outras nacionalidades realizou e, em raros casos, continua a realizar. Muito se discutiu sobre a veracidade das matérias produzidas sobre as ocupações, tendo estas sido julgadas como tendenciosas, pendendo aos interesses políticos e econômicos que envolviam os grupos de comunicação à frente das publicações. Este tipo de posicionamento é conhecido e pode-se dizer que seja inclusive comum em países de regime político democrático – não exclusivamente -, onde o posicionamento político é deixado claro por muitas publicações midiáticas, indo contra os princípios jornalísticos da imparcialidade e consequentemente, ferindo os princípios éticos do jornalismo brasileiro onde determina-se que:

Art. 1º - O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.

Art. 2º - A divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de divulgação pública, independente da natureza de sua propriedade.

Art. 3º - A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo. (Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros)²⁴

A referência às democracias foi feita em virtude da liberdade de expressão que vigora nestas repúblicas, ainda que com algumas restrições, permitindo assim, que posicionamentos diversificados sejam tomados publicamente, seja através da imprensa, ou de qualquer outro meio de comunicação extraoficial, como as redes sociais que aqui são abordadas, enquanto em outros regimes políticos, ditatoriais ou de outras naturezas, esta abertura costuma não ser concedida, fazendo com que a imprensa, ao menos na grande mídia, seja abertamente tendenciosa em defesa de um único ponto de vista. Lembrando que, embora estejamos em pleno século XXI, ainda existem países, como a China e Cuba, por exemplo, onde a internet sofre diversas censuras, impossibilitando que os cidadãos tenham acesso a qualquer tipo de informação que não seja de interesse e aprovação ideológica dos governos vigentes.

Entretanto, como tratamos aqui da cobertura norte americana dos fatos, por ter sido mais emblemática, uma vez que o acontecimento em questão iniciou-se naquele país, e como citaremos os reflexos deste no Brasil, tomaremos por base argumentativa o Código de Ética

dos jornalistas brasileiros, levando em consideração a própria origem construtiva do texto jornalístico brasileiro, inspirada, entre outras, nas teorias de comunicação norte americanas, como por exemplo a Teoria Hipodérmica, a corrente construtivista e a Teoria da Informação – também chamada de Matemática. A última, em suas origens, parece influenciar intensamente a atuação da imprensa contemporânea, consciente ou “inconscientemente” ao optar por textos parciais, a fim de influenciar os leitores:

Os problemas de influência ou eficácia referem-se ao êxito de, através do significado transmitido ao receptor, provocar a conduta desejada de sua parte. À primeira vista, pode parecer inconvenientemente limitado sugerir que o objeto de toda comunicação seja influenciar a conduta do receptor, mas, com qualquer definição razoavelmente ampla de conduta, fica claro que a comunicação ou influencia a conduta ou não tem qualquer efeito perceptível e comprovável. (WEAVER In COHN,1978:26)

Desde o primeiro dia de ocupações, em 17 de setembro de 2011, o Occupy Wall Street trouxe à tona as divergências ideológicas da cobertura que era feita pelos manifestantes ali em ação, por simpatizantes, opositoristas, pela mídia americana e estrangeira. Entre tantas fontes, os leitores podiam eleger aquelas que mais lhe agradavam segundo os mais diversos pontos e vista.

Fonte de muitas comparações, o principal grupo cuja ideologia se opunha ao *OWS* era o *Tea Party*, que também surgiu com a ajuda das redes sociais, mas dois anos antes, em fevereiro de 2009, sendo caracterizado predominantemente como ala ultraconservadora da direita americana. O movimento foi batizado por um apresentador de TV, Rick Santelli, da rede *CNBC*, ao provocar os espectadores quanto à crise das hipotecas que abalou a economia estadunidense e mundial a partir de 2008, sugerindo um protesto em Chicago, cidade em que Barack Obama morava na época, e fazendo alusão ao fato histórico de mesmo nome²⁵. Foi justamente o discurso²⁶ do apresentador que ganhou as redes sociais através do YouTube, Twitter e Facebook, alcançando até mesmo a ala radical do partido Republicano e deu origem ao movimento, que em 12 de setembro de 2009 levou 100.000 pessoas uma marcha em Washington, considerada o maior protesto contra Obama naquele ano.

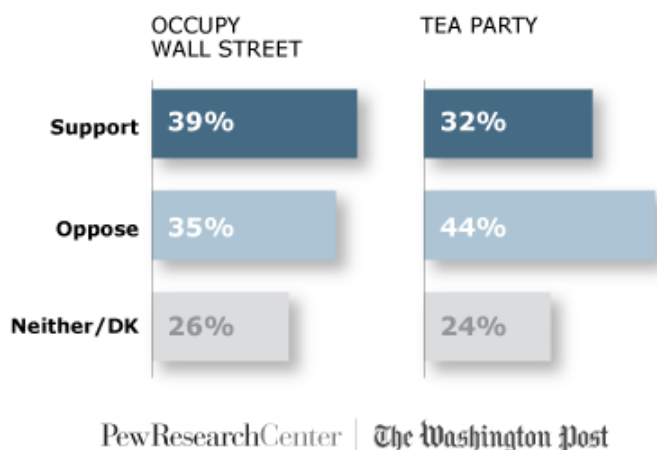
Entre os blogueiros, emissoras de TV, e os demais cidadãos, havia gente contra, a

²⁴

²⁵ Em 16 de dezembro de 1773, um grupo de colonos americanos, ainda sob o comando da coroa inglesa, se revoltou contra as altas taxas de impostos cobradas pelos colonizadores sobre a comercialização do chá inglês. Vestidos de índios, invadiram os navios carregados de chá e jogaram toda a mercadoria no mar. O dia ficou conhecido como “Festa do Chá”, *Tea Party*. Três anos depois, as 13 colônias seriam declaradas independentes e formariam os Estados Unidos da América.

favor e neutra a respeito das ocupações e de seu “partido” opositor, como mostra o quadro a seguir:

Figura 2:²⁷ Gráfico comparativo entre a popularidade do *Occupy Wall Street* e o *Tea Party*



Em termos de mídias sociais, tamanha diversidade de opiniões gera uma necessidade reflexiva sobre os conteúdos que vão a público muito maior do que assuntos de consenso geral. Uma vez que, ao discordarem, existirão predominantemente dois tipos de publicações: aquelas que destoam pura e simplesmente em virtude das distintas crenças de seus autores, tendo estes total liberdade para expressarem seus pontos de vista e sendo de total responsabilidade destes a interação com os demais usuários da rede que expressarem sua simpatia ou repulsa sobre a temática. E aquelas que destoam forjada e propositalmente, por conta da intolerância ideológica de seus autores, que desmentirão uns aos outros sem uma reflexão crítica sobre o assunto.

Já quando a diversidade de opiniões é exposta pela grande mídia, geralmente existem mais que questões simplesmente ideológicas por trás dos argumentos utilizados, e torna-se ainda mais delicada a análise dos fatos, visto que a esta mídia exerce grande influência sobre a parcela da população menos crítica. Os grupos de comunicação costumam desenvolver relações de fidelidade com seus patrocinadores, que podem ser desde grandes marcas do mercado de varejo até políticos influentes, passando a envolver interesses que influenciam o

²⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zp-Jw-5Kx8k> Acesso em 29/01/2013

²⁷ Disponível em <http://www.people-press.org/2011/10/24/public-divided-over-occupy-wall-street-movement/> Acesso em 27/01/2013

posicionamento editorial de alguns veículos, que passam a cobrir a parte que lhes é interessante e deixam de lado o princípio da imparcialidade.

Eugenio Bucci trata este tipo de questão como injustificáveis aos profissionais da imprensa, pois acredita que não é preciso ter frequentado aulas numa faculdade de comunicação social para intuir que ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem. (BUCCI, 2008).

A fim de verificar o tipo de cobertura e a importância que o movimento atingira na mídia oficial e na mídia alternativa, analisamos alguns veículos norte americanos – *The New York Times*, *FoxNews*, *CNBC News*, *The Washington Post*, *Salon* – e buscamos de forma mais superficial descobrir o quanto dessas informações chegam à imprensa brasileira através de seus veículos tradicionais e alternativos – O Globo, Folha de São Paulo, Zero Hora, Caros Amigos, Carta Capital, Revista Fórum – cumprindo com o dever de manter seus leitores informados.

Ao buscar informações sobre o movimento *Occupy Wall Street* nos veículos midiáticos norte americanos, já é possível notar a relevância que cada um conferiu à manifestação através dos resultados encontrados. Em uma primeira busca usando as palavras “*occupy wall street*”, alguns portais listam notícias de conteúdo não relacionado ao movimento, e somente após o uso de alguns filtros e da busca manual pela sequência de artigos listados é possível encontrar algo sobre o tema, embora de forma desorganizada. Os portais do *TheWashingtonPost.com* e *CNBC.com* são exemplos deste tipo de resultado em buscas online. Por outro lado, quando esta mesma busca é realizada nos portais do *TheNewYorkTimes.com* e *FoxNews.com*, por exemplo, os resultados são bem mais diretos e organizados, mostrando prontamente ao leitor o que ele buscava. O *nytimes.com* é o mais organizado destes ao dar acesso a uma página inteiramente dedicada ao protesto, contando um pouco sobre as origens deste e dando ao leitor um panorama da situação atual do movimento. Nesta mesma página, ainda é possível utilizar o que os editores do jornal chamam de *Occupy Wall Street Navigator*, uma lista de recursos de toda a *Web* selecionados por pesquisadores e editores do *The New York Times* sobre o *OWS*. Na mesma página, existe um recurso interativo²⁸, onde qualquer leitor pode entrar e marcar em uma tabela em que grau concorda ou discorda das seguintes questões: “Você concorda ou discorda das principais

Tradução dos termos: Support: Apoiam; Oppose: Se opõe aos movimentos; Neither/DK: Não opinaram ou não tem opinião formada sobre o assunto.

metas do movimento *Occupy Wall Street*?” e “Você apoia ou se opõe aos métodos dos manifestantes?”, além de poder justificar sua escolha.

Entre os quatro portais de notícias citados, o *The New York Times* é sem dúvidas o mais completo em produção, reunião e apresentação de conteúdos sobre as ocupações. Levando-se em consideração o fato de se tratar de um jornal cuja sede situa-se na cidade de Nova York, berço do protesto em questão, torna-se justificável de certa forma, tamanha atenção aos fatos. No entanto, o *New York Times* é um dos veículos mais populares em escala mundial, sendo referência como fonte internacional de notícias. Seria esta a razão pela qual o portal viabiliza um melhor acesso às informações acerca dos protestos? Cabe aqui o questionamento quanto ao papel da imprensa frente a um acontecimento de tais proporções, que se espalhou pelos Estados Unidos e pelo mundo²⁹. Quais seriam, afinal, os motivos dos outros veículos de comunicação ao não realizarem uma cobertura mais abrangente de tais acontecimentos?

Na economia globalizada essas associações são transnacionais e envolvem valores que muitas vezes se comparam ao PIB somado de alguns países mais pobres. O que complica ainda mais o problema. Como fica a independência jornalística num país em que o fôlego financeiro dos acionistas consegue ser mais forte que o porte da maioria das empresas nacionais? (...) Neste cenário, o velho tópico do conflito de interesses assume outro porte. Muito maior e mais complexo. (...) Agora, no entanto, é preciso que a atividade dos jornalistas de um conglomerado da mídia não seja constrangida pela pressão, velada ou explícita, dos braços desse mesmo conglomerado que se dedicam ao entretenimento. Esse é hoje o desafio para os que querem preservar a reportagem de tudo que seja estranho ao direito à informação. (BUCCI, 2000: 118; 119)

O que se percebe então, é que a mídia pré-seleciona seus conteúdos de forma muito semelhantes entre veículos, de maneira que os leitores encontram mais do mesmo ao percorrer as páginas de diversos jornais. As matérias sobre o *OWS* tratam basicamente do número de pessoas que esteve em determinada ocupação, que tipo de manifestação fizeram, se alguém foi preso ou ferido, dados meramente factuais.

Em mesma proporção, a mídia classificada como alternativa, o que engloba aqui os portais esquerdistas, descentralizadores e a blogosfera, tentam divulgar com maior profundidade e análise o que a grande mídia optou por exibir de forma superficial, sem grandes destaques, ou até mesmo sequer exibir, seja por não classificar como notícia ou por

²⁸ Disponível em: <http://www.nytimes.com/interactive/2011/11/09/us/ows-grid.html?ref=occupywallstreet>
Acesso em 05/02/2013

²⁹ Disponível em: <http://www.motherjones.com/politics/2011/10/occupy-wall-street-protest-map> Acesso em 05/02/2013

não querer colocar em risco seus patrocínios.

Usaremos como exemplo de cobertura alternativa o portal *Salon.com*, citado no capítulo 2. *Salon* é um portal que trata de atualidades, não apenas de política, e que incentiva os leitores a assumirem uma postura participativa através das redes sociais em que está presente, e colaborativa, através da sessão *Salon Open*³⁰, um espaço para que os leitores criem seus próprios blogs e uma rede de amigos blogueiros dentro do *Salon*.

O portal dedicou uma parte de sua editoria de política ao *Occupy*, abordando os aspectos mais inusitados do protesto, que geralmente não apareciam nos grandes jornais. As matérias abordam a personalidade de alguns participantes, a multiplicidade de ideias que conviviam lado a lado nos acampamentos, o ponto de vista de quem fora preso durante a manifestação, o poder e as fraquezas das mídias sociais, sobretudo do Twitter. Uma das matérias³¹ discute a propriedade dos tweets e mensagens diretas enviadas na rede social, depois que um juiz tomou a decisão de intimar uma conta do *Occupy* no Twitter, alegando que as mensagens ali publicadas não pertenciam aos usuários, uma vez que são de conhecimento público, e levantando sérias questões de privacidade.

Apesar de grande parte das coberturas se apresentarem pró-movimento, é possível notar que se escreve de forma realista, isto é, sem maquiagem as deficiências do protesto, como na matéria³² publicada em sete de maio de 2012 sobre a gradativa perda de popularidade do movimento na mídia. O texto lamenta que as menções ao movimento tenham diminuído consideravelmente no começo de 2012, e simultaneamente, as expressões “desigualdade social” e “ganância corporativa” também passaram a aparecer com menos frequência: “É uma pena, porque, como um novo relatório indica, *Occupy* tem sido fundamental para a condução de histórias na mídia sobre a desigualdade de renda nos Estados Unidos. Na semana passada, John Knefel, da Rádio Dispatch compilou um relatório de Precisão na Reportagem para a mídia, que ilustra o sucesso do *Occupy*: de acordo com o relatório, o foco da mídia no movimento no semestre passado tem sido quase que diretamente proporcional à atenção à desigualdade de renda e ganância corporativa pelos meios tradicionais. A cobertura da mídia durante o auge do movimento em outubro de 2011 fez com que as menções à “desigualdade de renda” quadruplicassem.”³³

³⁰ Disponível em: <http://open.salon.com/cover.php> Acesso em 05/02/2013

³¹ Disponível em: http://www.salon.com/2012/04/26/who_owns_your_tweets/ Acesso em 05/02/2013

³² Disponível em: http://www.salon.com/2012/05/07/media_grows_bored_of_occupy/ Acesso em 05/02/2013

³³ Tradução da autora. Trecho original: It's a shame because, as a new report indicates, Occupy has been central to driving media stories about income inequality in America. Late last week, Radio Dispatch's John Knefel compiled a report for media watchdog Fairness and Accuracy in Reporting (FAIR), which illustrates Occupy's success: Media focus on the movement in the past half year, according to the report, has been almost directly

Um dos casos que melhor representa a divergência de posicionamento entre a grande mídia e a mídia alternativa na cobertura do OWS foi o repentino surgimento de um Tumblr³⁴ sem o menor caráter político, mas com o objetivo de exibir na rede fotografias das ativistas que participavam do movimento e eram consideradas mais atraentes, o *Hot chicks of Occupy Wall Street* ('gatas' do OWS) criado por Steven Greenblatt. O site CNBC News, cuja cobertura costuma posicionar-se contra ou parcial ao movimento em oposição ao posicionamento da concorrente Fox News, divulgou o Tumblr na página destinada à cobertura do *Occupy*, como um evento natural e pertencente à causa, sob a manchete "Conheça as gatas do *Occupy Wall Street*", onde o criador da página relatava seu desejo de estar presente nas ocupações apenas para estar na presença de mulheres tão bonitas e 'espertas' como aquelas. Greenblatt conta como foi até a ocupação para fotografar as ativistas e se surpreendeu com a atmosfera do local: "Havia uma energia vibrante no ar, um calor de comunidade e de família, e as vozes que ouvimos foram tão esperançosas e apaixonadas. Rostos bonitos estavam fazendo sinais, dando palestras, organizando multidões, distribuindo alimentos, canto, dança, debates, abraços e marchando."³⁵ Isto é, tudo indica que, ao menos até aquele momento, ele não acreditava no comprometimento e nas propostas de todas as pessoas que estavam acampadas na Praça Zuccoti.

O texto mostra claramente a superficialidade com que o movimento fora tratado, e, a fim de contrapor opiniões ou simplesmente reforçar o caráter superficial, cita um outro portal, o *Jezebel*³⁶, destacando sua inclinação feminista como fator de incompreensão ao (considerado) inocente intuito de Steven Greenblatt, e provocando a publicação ao afirmar que no post a respeito da indignação para com a criação do Tumblr era utilizada uma ilustração com algumas das mulheres mais bonitas do OWS. No texto do *Jezebel* fica clara a indignação diante da criação da página, não apenas sob uma ótica de defesa dos ideais feministas, mas, sobretudo e de forma muito mais abrangente, sob a ótica de quem defende uma causa. O trecho citado pela CNBC deixa clara a indignação do portal ao afirmar que as mulheres que participam do movimento estão ali para protestar, e não para serem notadas por seus atributos físicos. "Elas estão lá para mudar opiniões. Estão falhando em sua missão porque vocês estão distraídos com seus rostos impecáveis, o que não significa nenhum avanço

proportional to the attention paid to income inequality and corporate greed by mainstream outlets. During peak media coverage of the movement last October, mentions of the term "income inequality" increased "fourfold."

³⁴ Plataforma de micro-weblog. Disponível em: <http://www.compulsivo.com.br/2009/09/o-que-e-tumblr-guia-basico-para.html> Acesso em 30/01/2013

³⁵ Disponível em: <http://www.cnbc.com/id/44936130> Acesso em 30/01/2013

³⁶ Disponível em: <http://jezebel.com> Acesso em: 30/01/2013

para o movimento. Isto é muito incômodo.”³⁷

No Brasil, a abordagem de cada veículo a respeito do movimento apresenta uma ligeira variação. No jornal carioca, O Globo, por exemplo, a cobertura manteve atualizada desde o início das ocupações, de forma bastante factual, ainda que em textos curtos e bastante diretos. É possível encontrar informações sobre a propagação do movimento pelo mundo³⁸, assim como número de manifestantes presos e manifestações culturais que se utilizam do termo *Occupy* para se identificar, como o *Occupy Museums*³⁹, além de mencionar o *OWS* sob uma ótica da cultura e do entretenimento, como a participação de filmes sobre as ocupações no Festival de Sundance⁴⁰. Mas, diante de uma análise mais apurada, é possível notar pequenas sutilezas opinativas, como em uma matéria⁴¹ que trata do registro do termo “*Occupy Wall Street*” como marca. Este texto começa com um trocadilho bastante opinativo: “Anarquistas, anarquistas, negócios à parte”. No entanto, não se pode afirmar que a publicação faz esse tipo de juízo de valor em todas as matérias referentes ao protesto. A última publicação que cita o assunto data de dezembro de 2012.

Já a publicação paulista Folha de São Paulo, apesar de seguir uma lógica semelhante à de O Globo, reproduzindo conteúdos entre o factual e o cultural, diferencia-se por referir-se aos manifestantes de forma mais agressiva, especialmente nos últimos meses, enfatizando uma suposta falta de sucesso da iniciativa: “O *Occupy Wall Street*, o movimento que queria reformar o capitalismo, mas que se reduziu a um punhado de anarcopunks na Union Square em menos de um ano (...)”⁴². A publicação mais recente do portal paulista de notícias citando o *OWS* data de 17 de janeiro de 2013, e não trata de nada diretamente relacionado ao movimento em si.

O gaúcho Zero Hora apresentou uma das coberturas mais alternativas em relação ao movimento, que era relacionado a obras de arte do campo da música, da literatura e do cinema durante as matérias. Apesar da cobertura factual ter sido escassa, se comparada a outros veículos nacionais, o Zero Hora conseguiu, através de breves incursões, mostrar a relação do

³⁷ Tradução de trecho do texto disponível em <http://jezebel.com/5850007/point+missing-dudes-declare-occupy-wall-streets-women-hot> Acesso em: 31/01/2013

³⁸ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/protestos-de-wall-street-viram-fenomeno-global-2865504> Acesso em 06/02/2013

³⁹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/occupy-museums-protesta-pela-primeira-vez-fora-dos-eua-5058326> Acesso em: 06/02/2013

⁴⁰ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/sexo-politica-steve-jobs-sao-destaques-no-festival-de-sundance-7319330> Acesso em 06/02/2013

⁴¹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/manifestantes-querem-registrar-marca-occupy-wall-street-3078896> Acesso em 06/02/2013

⁴² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1182644-picasso-em-tons-de-cinza.shtml> Acesso em 06/02/2013

Occupy enquanto movimento da sociedade civil contemporânea com a cultura e mídia de entretenimento como formas alternativas de protesto. Como no texto⁴³ em que trata do filme *The Wolf of Wall Street*: “O filme deve trazer à tona um assunto recorrente na recessão norte-americana atual, que gerou movimentos como o *Occupy Wall Street*”; as demais aparições do termo são predominantemente desta ordem de referência vaga, sem que haja reprodução de um panorama atual das manifestações em si.

Passando às publicações virtuais de caráter considerado alternativo, consideradas esquerdistas por alguns, a Carta Capital aborda as ocupações em artigos que não tratam apenas delas, mas de outros problemas que o sistema democrático capitalista vem enfrentando. Os protestos são citados como exemplos dentro de artigos que tratam de causas consideradas mais relevantes pela revista, como na matéria mais recente em que o protesto é lembrado, que trata da desigualdade nos Estados Unidos: “eles já tiveram um impacto significativo ao levar este tema para a realidade do grande público. Há críticas sobre o fato de o *OWS* não ter evoluído para um partido político ou mesmo não ter elaborado alternativas de políticas públicas diversas das que aí estão. Não concordo com estas críticas, não cabe ao *OWS* fazer esta mutação. Eles transformaram a ideia dos 99% em uma frase de efeito poderosíssima, o que não é um tento medíocre. Ao contrário”⁴⁴, relata o entrevistado, o jornalista Timothy Noah, editor-sênior da revista *The New Republic*.

Os leitores da Caros Amigos tiveram menos opções ainda, não encontrando textos que analisassem especificamente o protesto dos 99%. A abordagem feita pela revista foi um pouco mais superficial que a da Carta Capital, mas seguindo a mesma lógica de apenas citar o movimento como uma referência vaga e passageira sobre algo que aconteceu sem muito sucesso ou representatividade. Entre os três veículos considerados alternativos, o que deu mais atenção à causa dos anti-*Wall Street* foi a Revista Fórum. Menos popular que as publicações citadas anteriormente, curiosamente a Fórum produziu e continua produzindo textos totalmente voltados para o movimento, não apenas em caráter informativo factual, mas de análise do que tem sido proposto, criticado e de que futuro estaria reservado ao *OWS*. Depois de mostrar detalhes como cartas abertas do *Occupy* à polícia⁴⁵ e discutir a importância do ciberativismo, o portal, que posiciona-se a favor da causa na maioria dos ensaios, traz à

⁴³ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2012/03/leonardo-dicaprio-e-martin-scorsese-trabalharao-juntos-novamente-3696800.html> Acesso em 06/02/2013

⁴⁴ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-aumento-da-desigualdade-nos-estados-unidos/> Acesso em: 06/02/2013

⁴⁵ Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2012/06/nos-movimentos-2-0-as-formas-sao-multiplas/> Acesso em 06/02/2013

tona na última publicação acerca dos protestos⁴⁶, bastante atual por sinal, – data de 29 de janeiro de 2013 - a crítica ao suposto fracasso do movimento, analisando as possíveis causas através da reunião de diversos momentos dos protestos.

O leitor que realmente tiver interesse na temática terá muito que buscar na imprensa brasileira e internacional se quiser realmente construir uma opinião acerca do assunto. Resta-lhe a opção de acreditar no pouco que se pode ler na grande mídia, onde fizeram questão de repetir à exaustão que os manifestantes não tinham projeto, sendo apenas críticos do *establishment* que não oferecem soluções, ou de buscar incessantemente outros meios de se informar, seja através das análises críticas que as mídias alternativas produzem ou da busca por informações em blogs e redes sociais.

Atualmente, boa parte da imprensa mundial gosta de transformá-los em caricaturas, em sonhadores vazios sem a dimensão concreta dos problemas. Como se esses arautos da ordem tivessem alguma ideia realmente sensata de como sair da crise atual. Na verdade, eles nem sequer sabem quais são os verdadeiros problemas, já que preferem, por exemplo, nos levar a crer que a crise grega não é o resultado da desregulamentação do sistema financeiro e de seus ataques especulativos, mas da corrupção e da “gastança” pública. Nesse sentido, nada mais inteligente do que uma pauta que afirme: “queremos discutir”. (SAFATLE in DORIA & VALVERDE, 2012: 49).

⁴⁶ Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2013/01/occupy-anulado-pelo-narcisismo/> Acesso em

5 PENSANDO O FUTURO

“Um mapa do mundo que não inclua Utopia não merece ser olhado, já que deixa de fora o único país no qual a humanidade está sempre desembarcando. E quando a humanidade chega ali, olha para o horizonte e, ao ver um país melhor, zarpa em sua busca. O progresso é a realização de Utopias.”

Oscar Wilde

Por trás dos protestos que tomaram as praças de dezenas de cidades mundo afora tendo sido originados na rede mundial de computadores, ficam os questionamentos diante, não apenas, da repercussão futura que estes terão no mundo *offline*, mas do que ainda está por vir do mundo *online*. A descoberta das redes sociais e de outros instrumentos como os blogs e até mesmo os e-mails, como ferramentas políticas mudou a percepção do usuário contemporâneo diante do enfrentamento dos problemas cotidianos, conferindo a cada usuário o poder mobilizador. A partir do momento em que qualquer usuário, independente de nacionalidade, sexo, cor, preferência política, sexual, idade ou escolaridade pode convidar seus amigos virtuais a participarem de alguma causa, movimento, abaixo assinado ou apenas compartilhar com eles sua indignação a respeito de algum fato, a ferramenta política internet ultrapassou os limites da mídia controladora e das forças políticas que manipulam informações, e, sobretudo, do famoso comodismo político do homem contemporâneo, especialmente quando se trata dos brasileiros.

(...) é o triunfo do princípio supostamente arcaico do cara a cara, da organização dialógica. As mídias sociais são importantes, é claro, mas não onipotentes. O sucesso da auto-organização dos ativistas – a cristalização da vontade política a partir do livre debate – continua sendo melhor nos fóruns urbanos da realidade. (DAVIS in DORIA & VALVERDE, 2012:75).

Há algum tempo revoluções se tornaram fatos históricos distantes da realidade de muitos cidadãos, presentes apenas nos livros ou documentários em que eram retratados, como algo de uma época remota, em que a união de muitos proporcionou as mudanças então desejadas. Especialmente no Brasil, opiniões que divergem entre o preconceito e a nostalgia de eventos como o movimento dos Caras Pintadas⁴⁷, ocorrido em 1992, costumavam confundir jovens que apresentavam alguma inclinação revolucionária, além da

06/02/2013

⁴⁷ Segundo a Wikipedia, Caras-pintadas foi o nome dado aos jovens e estudantes que, em agosto e setembro de 1992, pintaram o rosto de verde e amarelo e organizaram passeatas pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caras-pintadas> Acesso em 27/01/2013

desencorajadora fama do país, de ser acomodado politicamente.

A internet deu voz e vez aos que estavam confusos e sem saber por onde começar, permitindo que diversas causas, como as ocupações em *Wall Street*, impunidade sobre crimes cometidos, escândalos políticos, entre outros, sejam defendidas através de simples atitudes de seus usuários. Através da rede, velhos paradigmas de uma sociedade que toma as avenidas, inflamados de energia nos carnavais e festas típicas, mas que não tem a mesma energia para ir às ruas reclamar os direitos que a constituições lhes assegura, e tampouco por uma mudança da legislação vigente, começam, ainda que vagarosamente, a ser modificados. Abordaremos aqui alguns casos emblemáticos do uso da internet enquanto ferramenta política, mostrando o poder de repercussão e o alcance da *Web* no Brasil e no mundo.

Uma das primeiras formas de manifestação por meio da rede foram os abaixo assinados virtuais⁴⁸ realizados através de trocas de e-mails. Um usuário enviava à sua lista de contatos uma mensagem, explicando a situação que justificava a criação de um abaixo-assinado e solicitava aos amigos que repassassem a mensagem, a fim de conquistar mais assinaturas e atingir o objetivo proposto. Muito se discutiu sobre a legitimidade desse tipo de manifestação, uma vez que, para comprovar que pessoas reais estavam assinando as propostas, era preciso anexar a cada nome o número referente ao documento de identificação civil destes cidadãos. Esta prática passou a ser considerada perigosa por alguns usuários que temiam revelar este tipo de dado pessoal na internet.

Após diversas discussões entre a mídia e o poder público quanto a validade de tais petições produzidas através da internet, atualmente existem métodos padronizados para realizar este tipo de coleta de assinaturas. O site PeticaoPublica.com.br tornou-se referência ao fornece alojamento online gratuito para abaixo-assinados (petições públicas, definindo como seu objetivo constituir um serviço público de qualidade a todos os cidadãos brasileiros). Um dos exemplos mais recentes da eficácia deste tipo de iniciativa foi a aprovação da lei da Ficha Limpa⁴⁹, que impede que candidatos condenados pela Justiça possam se eleger. O projeto circulou por todo o país, coletando mais de 1,3 milhões de assinaturas a seu favor – o que corresponde a 1% dos eleitores brasileiros, condição prevista na Constituição brasileira que um projeto de lei seja apresentado ao Congresso Nacional. No dia 29 de setembro de 2009 o Projeto de Lei foi entregue ao Congresso Nacional junto às assinaturas coletadas e a Lei da Ficha Limpa foi aprovada, graças à mobilização de milhões de brasileiros, tornando-se um marco fundamental para a democracia e a luta contra a corrupção e a impunidade no país.

⁴⁸ Mais informações disponíveis em <http://www.brasil247.com/pt/247/brasil247/26616/> Acesso em 28/01/2013

⁴⁹ Disponível em http://www.fichalimpa.org.br/index.php/main/ficha_limpa Acesso em 31/01/2013

No ano seguinte, em julho de 2010, um manifesto menos formal foi às redes. Tratava-se de uma mobilização online para tentar impedir que uma mulher, a iraniana Sakineh Ahstian, fosse apedrejada até a morte em seu país. Sakineh fora acusada de manter "relacionamento ilícito" com dois homens após a morte de seu marido, pela qual também estava sendo acusada de envolvimento, tendo sido condenada em 2006, à morte por apedrejamento, prática adotada pelo Irã após a Revolução Iraniana de 1979, liderada pelo aiatolá Ruhollah Khoemini (1900-1989). Nesta mesma época, Brasil e Irã estavam próximos politicamente, uma vez que o então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, tentara fazer uma intermediação para que o Irã não sofresse retaliações por seus projetos nucleares. Esta possível proximidade incentivou ativistas a clamarem pela vida de Sakineh. Sérgio Glasberg gravou um vídeo⁵⁰ em que a atriz Mika Lins, sua esposa, falava sobre o caso da iraniana e pedia à Lula que ligasse para Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã, intercedendo pela vida de Sakineh. Assim foi lançada a campanha “Liga Lula” no Twitter, onde os usuários usavam a *hashtag* #ligalula para divulgar o vídeo, o pedido e o caso de Sakineh. Lula chegou a oferecer asilo político à mulher, mas o Governo iraniano rejeitou a oferta do Itamaraty. Além da manifestação brasileira contra a penalização, outras atitudes foram tomadas pelo mundo, como a criação de um abaixo assinado online⁵¹ e ligações dos principais grupos de direitos humanos: Avaaz, a Anistia Internacional e a *Human Rights Watch* para impedir a execução. Atualmente o caso está sem um veredito final. Sakineh Ahstian continua aguardando por julgamento, mas o apedrejamento já foi descartado entre as penas.

Uma característica marcante que tem se tornado cada vez mais comum, é a participação de crianças e adolescentes como ativistas virtuais. Através do acesso às redes sociais e aos blogs, crianças no Brasil e no mundo têm mostrado sua maturidade e indignação frente às realidades a que são expostas diariamente. Um exemplo internacional deste tipo de ciberativismo é o caso da adolescente paquistanesa Malala Yousafzai, que em 2009, quando tinha apenas 12 anos, assinava o blog Diário de uma Estudante Paquistanesa⁵² na BBC Urdu, site da BBC para o Paquistão. No blog, ela defendia a educação de meninas na região em que vivia, além de narrar outros desafios e dificuldades de viver sob forte influência do grupo extremista Taliban⁵³. Através do blog, Malala ficou conhecida em todo o mundo, mas o fato

⁵⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QnDBib2X8rE> Acesso em 11/02/2013

⁵¹ Disponível em: <http://www.petitiononline.com/Ashtiani/petition.html> Acesso em 11/02/1013

⁵² Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7834402.stm Acesso em 11/02/2013

⁵³ Segundo a Wikipédia, O Taliban é um movimento fundamentalista islâmico nacionalista que se difundiu no Paquistão e, sobretudo, no Afeganistão, a partir de 1994 e que, efetivamente, governou o Afeganistão

que deu à ela mais visibilidade, infelizmente, foram os ataques⁵⁴ que sofreu. Em outubro de 2012, aos 15 anos, a menina sofreu um atentado enquanto voltava da escola, tendo sido atingida por três tiros na cabeça. A menina foi levada à Grã-Bretanha para que pudesse receber tratamento adequado e para que ficasse segura, uma vez que o grupo fundamentalista a acusou de promover o secularismo e prometeu atacá-la novamente, caso ela sobrevivesse. O caso foi divulgado pela mídia internacional, tornando o blog de Malala mais conhecido, e consequentemente ampliando a visibilidade da causa da menina e de muitas outras impedidas de estudar.

No Brasil, a adolescente Isadora Faber, 13 anos, criou em julho de 2012 a página Diário de Classe⁵⁵, no Facebook, com o objetivo de mostrar os problemas estruturais da escola municipal Maria Tomázia Coelho, localizada em Florianópolis, onde estuda. A estudante começou postando imagens de maçanetas quebradas, fios de eletricidade expostos, entre outros, e aos poucos, os problemas foram sendo resolvidos. Assim como Malala, Isadora também sofreu represálias, mas por parte da diretora da escola, que ameaçou processar os pais da adolescente. O caso chegou ao conhecimento das autoridades e a secretária municipal de Educação, Sidneya Gaspar de Oliveira, convocou uma reunião com a diretora da escola, e com as diretorias de Infra-Estrutura e de Ensino Fundamental para apurar as denúncias de pressão por parte da escola. Hoje 579 mil pessoas curtem a página da menina, que virou símbolo de ciberativismo e tem dado palestras pelo país.

Figura 3: Página Diário de Classe



Fonte: <http://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>

entre 1996 e 2001, apesar de seu governo ter sido reconhecido por apenas três países: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Paquistão. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taliban> Acesso em 31/01/2013

⁵⁴ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121026_malala_familia_ru.shtml Acesso em 31/01/2013

Outro caso emblemático foi o do projeto criado pela ONG *Invisible Children* (Crianças invisíveis) para tornar um criminoso africano conhecido em todo o mundo e assim, facilitar a captura dele pelas autoridades. Em uma viagem à Uganda em 2003, Jason Russel conheceu um menino chamado Jacob, que fora vítima de um sanguinário movimento, *Lord's Resistance Army* (Exército de Resistência do Senhor), conhecido como LRA e comandado por Joseph Kony. Conhecido por sequestrar crianças de suas casas para torná-las suas escravas sexuais, soldados particulares que mutilam outras crianças e matam os próprios pais, e através da violência estabelecer poder sobre as regiões desde 1987, Kony anda impunemente pelo país reunindo mais e mais vítimas. Ao tomar conhecimento da situação, Russel sentiu que precisava fazer algo para ajudar aquelas crianças ugandenses. Tentou falar com as autoridades estadunidenses, mas alegaram que agir contra isto colocaria em risco a segurança nacional e os interesses financeiros dos EUA. Foi quando percebeu que precisava levar esta realidade ao conhecimento de muitos, para que seu pedido fosse atendido e alguém ajudasse a fazer algo contra Kony. Em 2004 Jason Russel e Scot Wolfe criaram a ONG *Invisible Children*, que luta para pôr fim às atrocidades do LRA.

Depois de anos tentando alcançar o objetivo da ONG, surgiu a ideia de produzir um vídeo que explicasse como Jason conheceu a realidade das crianças de Uganda, como Kony agia e porque qualquer pessoa no planeta deveria colaborar de alguma forma para que ele fosse capturado. O vídeo, intitulado *Kony 2012*⁵⁶ foi divulgado em março de 2012 e parte de sua proposta era que as ações ali propostas fossem realizadas até 31 de dezembro de 2012, como uma espécie de data de validade para que o plano de Russel tivesse sucesso. A ONG pretendia reunir 20 formadores de opinião, como atletas, celebridades, e bilionários que apoiassem a causa publicamente, não apenas para tornar o criminoso conhecido mundialmente, mas para convencer pessoas nos EUA e no maior número de países possível quanto à gravidade da situação e à importância do apoio de cada cidadão à causa. Além destas 20 celebridades, a ONG também queria o apoio de 12 personalidades políticas relevantes, a fim de conseguir atingir a raiz do problema através de soluções políticas que poderiam ser tomadas diplomaticamente pelos EUA em relação à Uganda ou outros países africanos onde Kony atuasse.

Com apenas seis dias na rede, o vídeo já havia sido visualizado 100 milhões de

⁵⁵ Disponível em <http://www.facebook.com/DiariodeClasseSC> Acesso em 31/01/2013

⁵⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Y4MnpzG5Sqc> Acesso em 11/02/2012

vezes⁵⁷, além de ter sido compartilhado em outras redes, como Facebook e Twitter. Dados da *Invisible Children* mostram que o vídeo recebe visitas diárias até hoje, tendo alcançado parte de seus objetivos, como tornar Kony famoso para criar a conscientização global sobre as atrocidades do LRA, aumentar a proteção de civis aos ataques do grupo e pressionar os governos internacionais para que apoiem os esforços regionais de impedir as ações do LRA. Apesar de todo sucesso da empreitada, a última e mais importante das metas ainda não foi cumprida: capturar Joseph Kony e seus principais comandantes e submetê-los a julgamento no Tribunal Penal Internacional (TPI).

O mais recente dos casos brasileiros de ciberativismo é a tentativa de Impeachment do Presidente do Senado: Renan Calheiros. Sob suspeita e acusação de diversos crimes, entre eles nepotismo, improbidade administrativa, tráfico de influência, entre outros⁵⁸, Calheiros foi eleito com 56 votos secretos. Indignado, o internauta Emiliano Magalhães criou uma página⁵⁹ no Facebook e publicou uma petição online⁶⁰ no site Avaaz.org. A petição alcançou 1 milhão de assinaturas em apenas oito dias e até o dia 15 de fevereiro contava com 1.522.657 nomes. O Avaaz⁶¹ é um sistema de petições online lançado em 2007 e que hoje está presente em seis continentes, organizando campanhas em até 15 idiomas com a missão de “organizar os cidadãos de todas as nações para fechar a lacuna entre o mundo que temos e do mundo a maioria das pessoas em todos os lugares quer” .

São atitudes como estas, tomadas por pessoas diferentes em lugares diferentes do mundo, que surgem de forma despreziosa e partindo de gente cada vez mais jovem que nos levam a refletir sobre o real poder que as mídias digitais representam hoje e podem vir a representar daqui para frente, política e historicamente. Estes exemplos nos mostram a capacidade da internet em propagar informações, estimular ideias e unir pessoas com objetivos semelhantes em prol de causas humanitárias e sociais. Esta nova arma nas mãos de muitos cidadãos pode vir a representar um outro modelo de escolha popular, não apenas no que se refere a política hoje, mas a tudo que envolve a vida em sociedade.

Não é que movimentos como o Occupy Wall Street, a Primavera Árabe e os indignados tenham alcançado tudo que esperavam. Mas conseguiram alterar o

⁵⁷ Dado disponível em: http://invisiblechildren.com/kony/#epic_progress Acesso em 11/02/2013

⁵⁸ Mais informações disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/pais/lideres-sob-suspeita-7369680> Acesso em 14/02/2013

⁵⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Emiliano-Magalh%C3%A3es-Netto-Peti%C3%A7%C3%A3o-AVAAZ-Impeachment-do-Renan-Calheiros/208270462651091> Acesso em 14/02/2013

⁶⁰ Disponível em: http://www.avaaz.org/po/petition/Impeachment_do_Presidente_do_Senado_Renan_Calheiros/ Acesso em 14/02/2013

⁶¹ Disponível em: <http://www.avaaz.org/po/petition/about> Acesso em 14/02/2013

discurso mundial, levando-o para longe dos mantras ideológicos do neoliberalismo, para temas como desigualdade, injustiça e descolonização. Pela primeira vez em muito tempo pessoas comuns passaram a discutir a natureza do sistema no qual vivem. Já não o veem como inevitável. (WALLERSTEIN in DORIA & VALVERDE, 2012: 75).

O paradigma capitalista democrático tem mostrados suas fragilidades, crise após crise, diante de índices de desigualdade social ainda alarmantes, corrupção praticada abertamente aos olhos dos eleitores, desvio de verbas, saúde pública e educação de má qualidade. No entanto, o contato com essas informações a todo momento e a possibilidade de intervir está mudando o perfil dos eleitores e dos cidadãos de forma geral. A tecnologia está facilitando até mesmo o ato de revoltar-se. Entre os movimentos que se formaram, os blogs que fizeram sucesso, as páginas e perfis que alcançaram seus resultados e continuam crescendo, fica a certeza de que o cenário está diferente. Que não é tão fácil calar a nova geração nem esconder a sujeira para debaixo do tapete.

Já se sabe que através das redes sociais é possível alcançar números extraordinários de pessoas, fazê-las saírem da frente de seus computadores e tomarem as ruas, conscientizar multidões a respeito de fatos que atingem a todos, direta, ou indiretamente e fazer alarde suficiente para chegar ao conhecimento do poder público. Aparentemente, uma nova era representativa começa a dar seus primeiros passos, e apenas o tempo poderá mostrar até onde tudo isto pode ir, isto é, o que mais as mídias poderão promover, até quando elas serão instrumento útil para estes e outros fins, e afinal, até onde vai o poder da comunicação?

Daqui a cinco anos vão se perguntar “Como acreditamos durante tanto tempo que nenhum acontecimento real pudesse ocorrer?”. Daqui a cinco anos, o nível de descontentamento e a insatisfação serão tamanhos que vão se perguntar como se acreditou durante tanto tempo que a roda da história estava parada, que não havia muito mais a se esperar a não ser uma espécie de acerto gerencial de rota a partir dos princípios postos pelo liberalismo econômico. (SAFATLE in DORIA & VALVERDE, 2012: 54).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ocupações realizadas, campanhas virtuais divulgadas, milhares de pessoas nas ruas e meses depois, inúmeras perguntas sobre o futuro destes protestos. Não se pode negar a ousadia de cada grupo mobilizado, ao reunir cidadãos de forma horizontal e dar-lhes voz para clamar pelos mais variados motivos. Sem a internet e as mídias sociais, talvez não fosse possível mobilizar tantos, tão diferentes entre si e tampouco encontrar entre eles uma característica comum, capaz de uni-los.

O apelo participativo da *Web 2.0* fora um dos grandes responsáveis pela mudança de comportamento dos usuários ao transformar, ainda que involuntariamente, as mídias sociais em ferramentas políticas. Entretanto, apenas ter acesso às ferramentas políticas não configura mudança alguma. É preciso mais. É preciso saber usá-las, não apenas como estopim de grandes marchas pelas cidades, mas como parte de um processo gradual, cooperativo e constante que poderá acarretar mudanças significativas aos modelos de gestão política, econômica, ambiental entre outros.

Julgar as decisões tomadas e os possíveis desdobramentos futuros das ocupações seria paradoxalmente precipitado. Afinal, o movimento que nasceu a partir da rede que dissolve as distâncias e age em tempo real ainda tenta descobrir como colocar em prática aspirações tão distintas, sobretudo no que se refere a um sistema político desconhecido, que envolve simultaneamente características da democracia e do anarquismo.

Declarando não ter lideranças nem objetivos definidos, os manifestantes eram constantemente vítimas da grande mídia, que exaltava sua suposta falta de organização, a fim de enfraquecê-los talvez. No entanto, o posicionamento agressivo da imprensa tornou claro para muitos espectadores o quão ameaçadora a tecnologia poderia ser para o monopólio midiático. A transformação da internet em oficina de ideias livres sobre qualquer temática redistribuiu entre todos os usuários online o poder de condução das opiniões, até então dominado pelo *mainstream*. O senso crítico fora então apurado por muitos cidadãos que passaram a dispor de mais opções de posicionamento ao ter acesso a uma informação.

Em meio a tantas dúvidas acerca do conteúdo produzido pela grande mídia e pelas mídias alternativas, a imparcialidade e o posicionamento ético ainda procuram por um lugar na imprensa. Embora alguns conglomerados de comunicação sejam mais poderosos ideológica e economicamente que muitos de seus patrocinadores, ainda restam as disputas por audiência entre meios de comunicação, colocando em risco, novamente, a divulgação da verdade. À comunidade cabe desenvolver o olhar crítico e a consciência de que, apesar de

toda tecnologia e liberdade de expressão que a internet oferece, a mídia ainda pode manipulá-los, e que o cidadão monitor pode ser um agente capaz de mobilizar a inteligência coletiva.

Numerosos exemplos de intervenções políticas e sociais iniciadas a partir da internet materializam aos poucos a nova forma de iniciar desde pequenas mudanças até grandes revoluções. O cidadão conectado quer recuperar o espaço cívico, seja ele físico ou virtual. Para além disto, cada um quer ser estrela neste espaço, consagrando o espetáculo na Sociedade da Convergência a cada tentativa de fazer parte da História. Para que um fato fosse considerado suficientemente importante para entrar para a História costumava levar muitos anos. Hoje, com a internet conectando o mundo em tempo real, o acontecimento e a própria noção de História se alteram.

As empreitadas virtuais que foram bem sucedidas demonstraram que a internet é um terreno fértil à proliferação de ideias e atitudes, ao permitir que cidadãos ultrapassassem a barreira do virtual para alcançar resultados no mundo *off-line*. Já os movimentos que não concluíram sua atuação, ainda não tendo alcançado os objetivos propostos, embora ativos virtualmente, devem continuar sendo observados a fim de desvendar até onde as mídias sociais e outras ferramentas da internet poderão levar os cidadãos num futuro próximo. Percebemos então as múltiplas possibilidades que o ciberativismo pode alcançar, além da crescente e significativa provocação que as mídias promovem sobre as consciências podendo gerar mobilização social.

7 REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Revolução.** (São Paulo, Companhia das letras 2011).

BEAMS, Nick. **David Harvey and the Occupy Movement.** Novembro 2011. Disponível em:
< <http://www.wsws.org/en/articles/2011/11/harv-n23.html>> Acesso em: 27 de junho de 2012.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** (São Paulo, Companhia das Letras, 2008).

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento – De Gutemberg a Diderot** (Rio de Janeiro, Zahar, 2003).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** (Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006)

CARNEIRO, Henrique Soares. **Occupy – Movimentos de protesto que tomaram as ruas.** (Rio de janeiro, Boitempo,2012) .

CASTELLS, Manuel. **#Wikiacampadas.** Junho 2011. Disponível em:
<<http://www.esquerda.net/dossier/wikiacampadas>> Acesso em 05 de novembro de 2012

CASTELLS, Manuel. **Castells: por que surgiu o partido do Futuro.** Blog Outras palavras. Janeiro 2013. Disponível em: < <http://www.outraspalavras.net/2013/01/16/castells-por-que-surgiu-o-partido-do-futuro/>> Acesso em 22 de janeiro de 2013.

COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural.** 4ª Edição. São Paulo, Editora nacional, 1978.

DEBORD, Guy – **A sociedade do espetáculo.** (Rio de janeiro, Contraponto, 1997)

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. A Luta por “Democracia Real” no Coração do Ocupar Wall Street. Disponível em: <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=1051>> Acesso em 09/04/2012

HARVEY, David. **Rebel Cities: From the right to the City to the urban Revolution.** (Nova York, Verso, 2012).

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. (São Paulo, Aleph, 2009)

KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook: Os Bastidores da História da Empresa que Conecta o Mundo**. Intrínseca, 2011.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O'BRIEN, Alexa. **18th century philosophy, 19th century institutions, 20th century outlook, and 21st century problems**. Jan 2012. Disponível em: <
http://www.alexaobrien.com/second sight/in_the_press/in_the_press_ha.html> Acesso em 30 de janeiro de 2013.

OWENS, Simon. **How Bloggers, Occupy Wall Street Have Inspired Each Other**. Media Shift. Novembro 2011. Disponível em: < <http://www.pbs.org/mediashift/2011/11/how-bloggers-occupy-wall-street-have-inspired-each-other326.html>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

SANTOS, Fernando Jacinto Anhô. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011 Disponível em: <
http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf > Acesso em: 31 de janeiro de 2013.

_____. **Código de ética dos jornalistas Brasileiros**. Código de ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em:
<http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em: 23 de janeiro de 2013

_____. **15 M – Um Acontecimento**. Junho de 2011. Disponível em: <
<http://www.esquerda.net/dossier/15-m-%E2%80%93-um-acontecimento>> Acesso em: 5 de novembro de 2012

Websites

AVAAZ

<http://www.avaaz.org/po/>

CAROS AMIGOS

<http://carosamigos.terra.com.br/>

CARTA CAPITAL

<http://www.cartacapital.com.br/>

CNBC NEWS

<http://www.cnbc.com/>

FACEBOOK

<http://www.facebook.com/>

FOX NEWS

<http://www.foxnews.com/>

INVISIBLE CHILDREN

<http://invisiblechildren.com/>

IVY LEAGUE SPORTS

<http://www.ivyleaguesports.com/landing/index>

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

<http://www.folha.uol.com.br/>

JORNAL O GLOBO

<http://www.oglobo.com.br/>

JORNAL ZERO HORA

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/>

JEZEBEL

<http://jezebel.com/>

MILLWARD BROWN

http://www.millwardbrown.com/brandz/2012/Documents/2012_BrandZ_Top100_Chart.pdf

OCCUPY WALL STREET

<http://occupywallst.org/>

REVISTA FÓRUM

<http://revistaforum.com.br/>

SALON

http://www.salon.com/topic/occupy_wall_street/

THE NEW YORK TIMES

<http://www.nytimes.com/>

THE HUFFINGTON POST

<http://www.huffingtonpost.com/news/occupy-wall-street>

THE WASHINGTON POST

<http://www.washingtonpost.com/>

TWITTER

<https://twitter.com/>

YOUTUBE

<http://www.youtube.com/>

8 ANEXOS

Entrevista realizada com Alexa O'Brien por email e respondida no dia 30 de janeiro de 2013.

1) Does it was a choice of you guys to start the movement on the internet? Yes.

Did it really started there? Yes. It started as a Twitter profile.

2) When and how did you noticed the political power of the internet?

There were three events that are my own personal precursors to US Day of Rage and Occupy Wall Street. One was WikiLeaks. There would be no Occupy Wall Street without the way in which people aggregated around the content published with their courage.

The other was having to sit through a business meeting after receiving a picture of a Bahraini man's skull blown open, and a message "please help." I had been covering the revolutions in Bahrain-- which was not being covered by the established press.

Finally, talking with Omar Deghayes, a former Guantanamo detainee for an interview concerning WikiLeaks publication of the GTMO files

3) Dou you know what was the most powerful of them, I mean in reach of people for OWS? Twitter, facebook or the Blogosphere?

Twitter and Facebook both had reach-- different audiences.

4) Why do you think this worked out so well through the internet?

You cannot divorce Occupy Wall Street from the World Wide Web. It's an open source beta test of assembly and association brought about by the coming of age of the Internet generation; and the ineffectiveness of political parties and unions, except as fund raising vehicles for younger demographics. In our attempt to reclaim the civic space - it includes the Internet itself.

Our shifting political, socio-economic landscape remains unarticulated in our public discourse and the MSM, because it's been obscured, as it were, by the bare knuckled, narrow-minded extremities on the left and right of our corporate politic.

When the MSM, try to characterize swarms or social media - which are simply trusted networks - or even disruptive innovations like WikiLeaks, they fall back on stereotypes or default to traditional mechanics of organized politics.

Those mechanics are certainly at play within American politics, and within the New York City General Assembly, and even within the movement called Occupy Wall Street. But, so is a generational shift between the boomers' traditional forms of organized politics - built with heavy social capital, and the Internet generation's swarms, built with myriad but equally important weak social ties. In fact, the tension lends itself, in part, to our nation's myopia and Occupy Wall Street's complexity.

This generational gap is largely unnoticed by boomers and their progeny. This generation is not, for the most part, fighting to emancipate itself from the past. We are fighting to emancipate ourselves from the future.

When the notion of property applies to the very genes in our bodies or the ideas in our heads...when our entrenched, corrupt, outdated, and incompetent 'representatives' answer questions about how we should govern the commons, with a never-ending clash of civilizations or ideologies for "the natural resources"; then our 18th century philosophy, 19th century institutions, 20th century outlook, and 21st century problems present us with a vision that WE cannot afford to bank on, built on, or believe in. In fact, it's leading this nation into the dark ages.

While "the baby boom included the largest U.S. birth cohort to date, the game generation will ultimately outdo the baby boom in size... [and] in scope" notes John C. Beck and Mitchell Wade in their study of the game generation's influence on organizational values.

The total size of the game generation is already greater than the baby boom ever was," and the whole generation of gamers, "including X and Y and letters to be named later-simply approach the world differently than their predecessors."

This new American generation is more transient and diverse than our predecessors. We take globalization for granted - from the point of view of the valley, not the mountaintop. We distrust political grandstanding, and traditional forms of organized politics. We organize by ideas and by place - but place, like ideas, as an experience.

5) Do you think this reach could be the same without the internet? No.

6) What do you think that made people get up of their computers and go to the streets? I mean, what is their motivation to become manifestants in the real world, when looks so much easier and comfortable to support a cause by like it on facebook or retweeting messages to your followers...

Because they were ready. Experience is the best teacher. Also, 2008 economic crisis.

7) The Occupy Movement still happening around the USA and in other countries, but, as the media almost doesn't talk about it anymore, for many people it looks like Occupy is over, although they still live in blogosphere, on twitter and on facebook. Should we wait for a "silent" revolution or the Occupy movement already had its moment on the media?

The traditional media had its moment in the revolution, not the other way around.